



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CAMPUS DO SERTÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO NO SEMIÁRIDO



LUCIENE GOMES DOS SANTOS

QUEM SOU EU, QUEM SOMOS NÓS? CONHECENDO OS PROCESSOS
IDENTITÁRIOS DOS ALUNOS DA ESCOLA MUNICIPAL FRANCISCO PEREIRA
LEITE DA COMUNIDADE SERRA DAS VIÚVAS, ÁGUA BRANCA /ALAGOAS

DELMIRO GOUVEIA/AL
2018

LUCIENE GOMES DOS SANTOS

QUEM SOU EU, QUEM SOMOS NÓS? CONHECENDO OS PROCESSOS
IDENTITÁRIOS DOS ALUNOS DA ESCOLA MUNICIPAL FRANCISCO PEREIRA
LEITE DA COMUNIDADE SERRA DAS VIÚVAS, ÁGUA BRANCA /ALAGOAS

Trabalho de conclusão de curso apresentado
ao curso de Especialização em Educação no
Semiárido ofertado pela Universidade
Federal de Alagoas como parte do requisito
para a obtenção do título de pós-graduada.
Orientadora: Prof^a Dr.^a Angela Fagna
Gomes de Souza.

DELMIRO GOUVEIA/AL
2018

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Larissa Carla dos Prazeres Leobino – CRB-4 2169

S237q Santos, Luciene Gomes dos

Quem sou eu, quem somos nós? Conhecendo os processos identitários dos alunos da Escola Municipal Francisco Pereira Leite da Comunidade Serra das Viúvas, Água Branca /Alagoas / Luciene Gomes dos Santos. – 2018.

70 f.

Orientação: Profa. Dra. Angela Fagna Gomes de Souza.
Monografia (Especialização em Educação no Semiárido) –
Universidade Federal de Alagoas. Delmiro Gouveia, 2018.

1. Educação. 2. Identidade. 3. Quilombolas. I. Título.

CDU: 376.7

Folha de Aprovação

LUCIENE GOMES DOS SANTOS

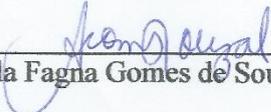
QUEM SOU EU, QUEM SOMOS NÓS? CONHECENDO OS PROCESSOS
IDENTITÁRIOS DOS ALUNOS DA ESCOLA MUNICIPAL FRANCISCO PEREIRA
LEITE DA COMUNIDADE SERRA DAS VIÚVAS, ÁGUA BRANCA /ALAGOAS

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de
ESPECIALIZAÇÃO EM
EDUCAÇÃO NO SEMIÁRIDO
ofertado pela Universidade Federal de
Alagoas como parte do requisito para
a obtenção do título de pós-graduada.

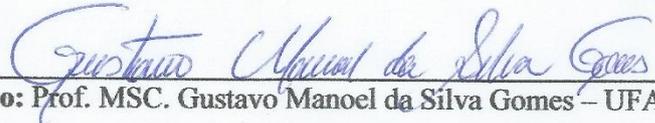
Orientadora: Profª Drª. Angela Fagna
Gomes de Souza.

Aprovada em: 07 / 06 / 2018

BANCA EXAMINADORA:


Presidente: Profa. Dra. Angela Fagna Gomes de Souza – Professora Adjunta da
UFAL/Campus do Sertão.

(ORIENTADORA)


Membro Interno: Prof. MSC. Gustavo Manoel da Silva Gomes – UFAL/Campus do
Sertão


Membro Externo: Profa. Dra. Ana Cristina Conceição Santos – UFAL/Campus do
Sertão

Dedico este trabalho em primeiro lugar a Deus por me dar força e sabedoria nesta caminhada; a minha família e a todos/as da comunidade Quilombola Serra das Viúvas - Água Branca, Alagoas, em especial aos professores e alunos da Escola Municipal Francisco Pereira Leite pela recepção calorosa.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus pela força, sabedoria e a oportunidade de estar concluindo mais uma etapa na minha vida. Agradeço a minha família, de modo muito especial, aos meus filhos, Paulo Sérgio e Pedro Lucas, meus pais Orlando e Maria das Graças e a todos os meus irmãos pelo incentivo e compreensão. Ainda de modo especial, a minha orientadora Profa. Dra. Angela Fagna pela disponibilidade, paciência e confiança a mim concedida para a realização desta pesquisa. A todos os professores e professoras do curso de especialização de educação no semiárido - UFAL- Campus do Sertão. A todos os colegas de turma pela amizade, pelo carinho e pela força em todos os momentos. Aos membros da banca Professor Gustavo e a professora Ana Cristina pela disponibilidade, dedicação, carinho e compreensão para com o nosso trabalho. E em especial, a todos os moradores da Comunidade Quilombola Serra das Viúvas que me recebeu com imenso carinho e atenção.

“[...] Água Branca não é apenas cidade de Barões e Baronesas, mas também de negros, brancos, pardos e índios, de pessoas simples que tentam se estabilizar mediante a desigualdade racial e social”.

(SOUZA, 2017, p. 29).

RESUMO

Este trabalho trata sobre o processo identitário dos alunos da escola Municipal Francisco Pereira Leite, localizada na comunidade serra das Viúvas, município de Água Branca /Alagoas. O interesse em pesquisar a temática surgiu a partir da curiosidade de conhecer uma comunidade Quilombola, em especial a Serra das Viúvas, bastante falada pelos visitantes e apesar de morar na mesma cidade, desconhecia sua realidade, seu modo de vida, seus costumes. Entendemos que é de fundamental importância conhecer como ocorrem os processos identitários dos alunos da comunidade Quilombola, uma forma dos alunos se perceberem enquanto sujeitos da sociedade em que vivem e entenderem que eles possuem uma história de vida diferenciada, fazem parte de uma família, de grupos sociais e pertencem a uma comunidade. Dentro desse contexto levantaremos algumas inquietações como: O que é ser quilombola? Como as crianças se identificam nesse processo e como se deu ou se dá a luta pelos seus direitos? Qual o elo entre a escola e a comunidade quilombola? Inicialmente realizamos pesquisas de campo para observar os alunos e professores, acompanhando e registrando as atividades relacionadas aos processos identitários desenvolvidos em sala de aula. Em seguida, fizemos entrevistas com a líder da comunidade e alguns moradores que vivenciaram o processo histórico pela qual a mesma passou, até ser reconhecida como comunidade Quilombola. Para fundamentar nosso estudo recorreremos a algumas Leis e autores que serviram de aportes teóricos para nossa pesquisa tais como; a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 9394/96: as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Quilombola, o Artigo 68 do ADCT e 215 e 216 da Constituição da República que determina a regularização territorial das comunidades quilombolas e protegem suas culturas; o Decreto nº 4887 de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos, a Constituição Federal de 1988. Utilizamos ainda os seguintes autores: Haall (2006), Castells (1999), Johnson (2006), Braga e Duarte, (2014); Silva (2015) além de teses, dissertações e TCCs. Referências cujo enfoque teórico permite apresentar questões conceituais importantes no âmbito da educação Quilombola. O objetivo principal deste trabalho é analisar os processos identitários de um grupo de crianças da escola Municipal Francisco Pereira Leite da comunidade Serra das Viúvas - Água Branca Alagoas. Assim como, conhecer o processo histórico de formação da comunidade e analisar a inserção da escola Municipal neste contexto. Consideramos que o trabalho desenvolvido poderá ser de grande valia para a comunidade serra das Viúvas, assim como auxiliar os docentes e discentes nas atividades pedagógicas, colaborando com a sociedade a tecer reflexões sobre a formação das comunidades Quilombolas e as formas de afirmação identitária no ambiente escolar, suas potencialidades e principais desafios.

Palavras - chave. Educação Quilombola. Processos identitários. Comunidade Quilombola Serra das Viúvas.

ABSTRACT

This paper deals with the identity process of the students of the Municipal School Francisco Pereira Leite located in the community of Serra das Viúvas, in the municipality of Água Branca / Alagoas. The interest in researching the theme emerged from the curiosity to know a Quilombola community, especially the Serra das Viúvas community, widely spoken by visitors and especially the fact that people who live in the same city did not know this reality, the way of life and their customs. We understand that it has fundamental importance to know how the identity processes of the students of the Quilombola community occur, a way for the students to perceive themselves as subjects of the society in which they live and to understand that they have a differentiated life history, are part of a family, and belong to a community. Within this context we will raise some concerns such as: What is being a quilombola person? How do children identify in this process and how did the fight for their rights take place? What is the link between the school and the quilombola community? Initially we conducted field research to observe students and teachers, tracking and recording activities related to the identity processes developed in the classroom. We then conducted interviews with the community leader and some residents who experienced the historical process through which it passed until it was recognized as a Quilombola community. To base our study we resort to some Laws and authors that served as theoretical contributions for our research such as; the National Education Guidelines and Bases Law - LDB nº 9394/96: the National Curricular Guidelines for Quilombola Education, Article 68 of the ADCT and 215 and 216 of the Constitution of the Republic that determines the territorial regularization of quilombola communities and protect their cultures ; Decree No. 4887 of November 20, 2003, which regulates the procedure for the identification, recognition, delimitation, demarcation and titling of lands occupied by remnants of quilombo communities, the Federal Constitution of 1988. We also use the following authors: Haall (2006), Castells (1999), Johnson (2006), Braga and Duarte, (2014); Silva (2015) in addition to theses, dissertations and final papers. References whose theoretical approach allows to present important conceptual questions in the context of Quilombola education. The main objective of this work is to analyze the identity processes of a group of children from the Municipal School Francisco Pereira Leite in the Serra das Viúvas - Água Branca Alagoas community. As well, to know the historical process of community formation and to analyze the insertion of the municipal school in this context. We believe that the work developed can have great value to the community of Widows, as well as to help teachers and students in pedagogical activities, collaborating with society to create reflections on the formation of Quilombola communities and the forms of identity affirmation in the school environment , its potentialities and main challenges.

Key words. Quilombola Education. Identity processes. Quilombola Community of Serra das Viúvas.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Comunidade Quilombola Serra das Viúvas - Água Branca/AL.....	15
Figura 2: Mãe Bela, moradora mais velha da comunidade.....	17
Figura 3: Escola Municipal Francisco Pereira Leite.....	26
Figura 4: Artesanatos feitos pela associação AMAQUI.....	29
Figura 5: Casa de farinha.....	30
Figura 6: Interior da casa de farinha.....	30
Figura 7: Entrevista da Gazeta de Alagoas as artesãs da AMAQUI	31
Figura 8: Igreja Santa Cecília.....	33
Figura 9: Interior da Igreja Santa Cecília.....	33
Figura 10: Crianças praticando capoeira na escola.....	35
Figura 11: Mais crianças praticando capoeira no interior da escola	35
Figura 12: Passeata das comunidades pelas ruas da cidade de Água Branca, com concentração na praça da Matriz para a benção do pároco.....	46
Figura 13: Apresentações da dança do grupo de São Gonçalo.....	47
Figura 14: Apresentação do Grupo cultural Negra do Sertão.....	47
Figura 15: Apresentação da dança Indígena da aldeia Kalancò.....	47
Figura 16: Apresentação do Grupo de Capoeira.....	48
Figura 17: Alicerce e local da sede da associação AMAQUI.	49
Figura 18: Construção da sede da associação AMAQUI.....	49
Figura 19: Dança de Capoeira “Grupo Muzenza” com a participação das crianças da comunidade.....	51
Figura 20: Crianças (estudantes) fazendo apresentação na escola no dia da consciência negra durante o evento do dia 20 de novembro.....	51
Figura 21: Pré-escolar 1º e 2º anos realizando atividades sobre o dia 20 de novembro.....	53
Figura 22: Pré-escolar 1º e 2º anos realizando atividades sobre o dia 20 de novembro.....	53
Figura 23: Turma vespertina - alunos 3º, 4º e 5º anos.....	54
Figura 24: Turma vespertina - alunos 3º, 4º e 5º anos.....	54
Figura 25: Atividade relacionada com a identidade negra.....	59
Figura 26: Trabalhos sobre identidade quilombola.....	60
Figura 27: Trabalhos sobre identidade quilombola	60

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. A COMUNIDADE QUILOMBOLA SERRA DAS VIÚVAS	15
2.1. Como tudo começou	15
2.2. Processo histórico de reconhecimento das Comunidades Quilombolas	19
2.3. O processo de reconhecimento do que é ser quilombola.....	21
2.4. Aspectos Sociais da Comunidade	24
2.5. A escola e a comunidade	25
2.6. Principais Atividades Culturais econômicas da Comunidade	29
2.7. Igreja Santa Cecília	31
2.8. Participação da escola e dos alunos na festa do dia 20 de novembro - Dia da Consciência Negra.	34
3. O QUE É SER QUILOMBOLA NA COMUNIDADE SERRA DAS VIÚVAS?	36
3.1. A luta pelo Reconhecimento e a importância da escola para comunidade Quilombola Serra das Viúvas	40
3.2. Os processos identitários dos alunos da escola Municipal Francisco Pereira Leite	45
3.3. As Práticas Sociais envolvendo a escola e a comunidade Quilombola da Serra das Viúvas	52
3.4. A Escola Quilombola na visão dos Gestores, diretora e professoras.....	56
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS	64
ANEXOS	66

1. INTRODUÇÃO

No presente trabalho procuramos tecer algumas discussões sobre os processos identitários dos alunos da escola Francisco Pereira Leite, localizada na Comunidade Quilombola Serra das Viúvas, município de Água Branca/AL. O interesse em pesquisar a referida temática surgiu por curiosidade em conhecer a comunidade e por considerar a importância de se trabalhar questões identitárias no contexto educativo, em especial relacionado à educação quilombola. Buscando construir uma visão mais ampla do fazer pedagógico, fruto de uma proposta pensada coletivamente em que faz-se necessário o contínuo exercício de reflexão sobre questões relacionadas à cultura afrodescendentes no cotidiano da instituição Quilombola. Assim, surge a necessidade de se planejar um currículo que atenda as necessidades específicas de aprendizagem e de desenvolvimento dos estudantes Quilombolas. Trabalhar com os aspectos naturais e culturais da comunidade. Tais como trazer para dentro da escola a vivência dos alunos, fortalecendo o elo entre escola e comunidade.

Além do campo escolar também entrevistamos alguns moradores da comunidade Quilombola Serra das Viúvas, assim como observamos e registramos os eventos que ocorreram dentro da comunidade, como: a festa da Padroeira Santa Cecília que é comemorada de treze de novembro até vinte dois do corrente mês e a festa do dia 20 de novembro, dia da consciência negra.

Nas conversas informais com os moradores (adultos e crianças) houve a intencionalidade de conhecer suas percepções identitárias. De maneira formal e informal, procuramos saber sobre o modo de vida dos moradores locais, o tempo de estadia na comunidade como percebe o ambiente ao qual estão inseridos, quais problemas existentes na comunidade e, como eles se organizam para resolver os problemas que por ventura acontecem na própria comunidade. Dentre outras perguntas, algumas foram gerais para todos os entrevistados como, por exemplo, você é quilombola? Você se considera um/a quilombola?

Nosso objetivo consistiu em compreender e analisar os processos identitários de um grupo de crianças da escola Municipal Francisco Pereira Leite da comunidade Serra das Viúvas - Água Branca Alagoas. Assim como conhecer o processo histórico de formação da comunidade e analisar a inserção da escola Municipal neste contexto. Para isso, passamos a vivenciar e acompanhar a rotina dos moradores da comunidade e o contexto escolar em suas

atividades diárias na instituição durante outubro/novembro - 2017, procedendo à observação e ao registro para, posteriormente, realizarmos as análises.

Além das observações foram aplicados questionários com a comunidade escolar e com os moradores da Comunidade Quilombola Serra das Viúvas. Uma das perguntas centrais foram: Você é Quilombola? Para você o que é ser Quilombola? O que é uma Comunidade Quilombola? Dentre outras.

A história da comunidade foi contada através de entrevistas semiestruturadas e relatos orais dos moradores da comunidade, tal recurso metodológico foi utilizado por não termos contato nenhuma outra fonte de pesquisa e por considerarmos uma importante fonte de pesquisa. Como dito anteriormente, não tivemos acesso a nenhuma espécie de registro ou documento oficial que contenham dados sobre o início da povoação, apesar das tentativas em cartório e paróquia para tentarmos buscarmos registros do início da povoação da comunidade, não obtivemos êxito.

A metodologia de pesquisa adotada neste trabalho é de caráter qualitativo, bem como de estudo de caso em que utilizamos como procedimentos: estudo bibliográfico e coleta de dados por meio de registros escritos e fotográficos. Para fundamentar nosso estudo recorreremos a algumas Leis e autores que serviram de aportes teóricos para a nossa pesquisa tais como; a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 9394/96: as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Quilombola, o Artigo 68 do ADCT e 215 e 216 da Constituição da República que determina a regularização territorial das comunidades quilombolas e protegem suas culturas; o Decreto nº 4887 de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos, a Constituição Federal de 1988. HAALL (2006), CASTELLS (1999), JOHNSON (2006), BRAGA E DUARTE, (2014); SILVA (2015). Utilizamos ainda teses, dissertações e TCCs. Referências cujo enfoque teórico permite apresentar questões conceituais importantes no âmbito da identidade e da educação Quilombola.

Trabalhar a questão identitária dentro do contexto da instituição de educação formal implica em uma ação educativa desafiadora, pois, os estudantes quilombolas necessitam de uma educação diferenciada que busque valorizar a realidade do sujeito. Assim se faz necessário planejar ações pedagógicas que requer pensar de forma sistemática as atividades voltadas para a identidade dos estudantes.

Nosso trabalho está organizado em dois capítulos. No primeiro capítulo trataremos do processo histórico da formação da comunidade Quilombola Serra das Viúvas, assim como analisaremos o processo de inserção e manutenção da escola Municipal Francisco Pereira Leite na comunidade. Para tanto, apresentamos, primeiramente, os aspectos sociais que compõem a comunidade, em seguida, evidenciamos a história de formação da comunidade e, por fim, apontamos alguns aspectos culturais presentes na comunidade.

No segundo capítulo apresentaremos as análises dos dados coletados a partir das pesquisas de campo utilizando as seguintes estratégias metodológicas: observação e registros escritos e fotográficos de dois grupos de crianças, seus respectivos professores e funcionários da escola Municipal Francisco Pereira Leite. Entrevistamos também alguns moradores da comunidade Quilombola Serra das Viúvas e observamos e registramos os eventos que ocorreram dentro da comunidade, como a festa da Padroeira Santa Cecília que é comemorada do dia treze de até o dia vinte e dois de novembro e a festa do dia 20 de novembro, dia da consciência negra.

Por fim, fizemos algumas considerações acerca do percurso realizado ao longo dos nossos estudos, tanto no que concerne à pesquisa empírica quanto do seu encontro com a produção de conhecimento na área.

Esperamos com esse estudo contribua de forma significativa para uma reflexão mais aguçada por parte de pesquisadores, estudantes universitários e professores que já trabalham com a educação, principalmente aqueles que trabalham com a educação Quilombola, levando-os a re/pensar a forma como trabalhar a identidade dentro do contexto escolar, considerando as contribuições para a educação Quilombola.

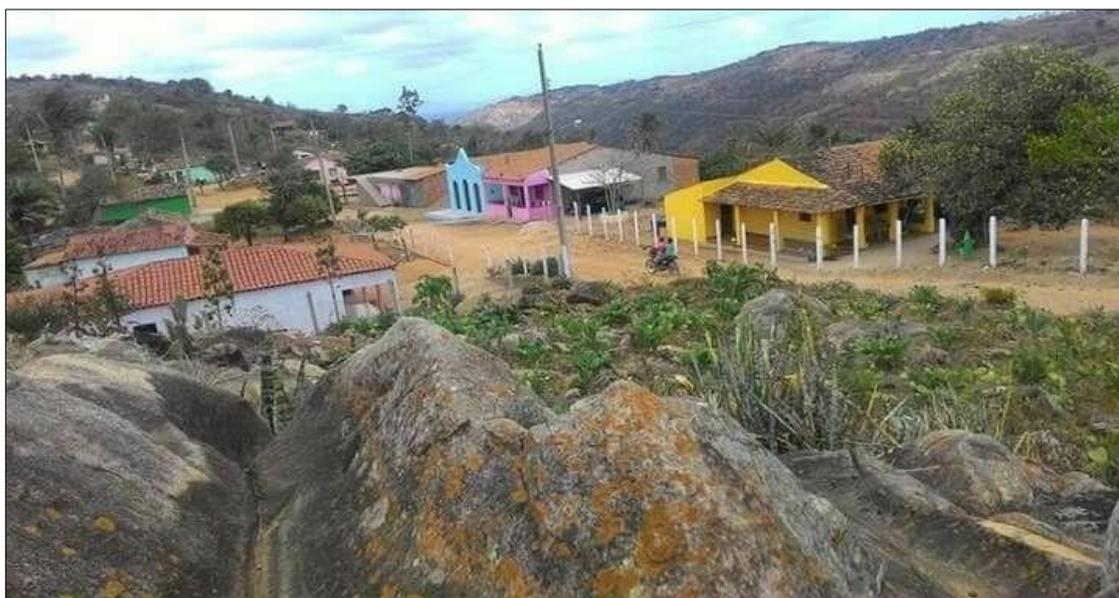
2. A COMUNIDADE QUILOMBOLA SERRA DAS VIÚVAS

Nesse primeiro capítulo trataremos do processo histórico da formação da comunidade Quilombola Serra das Viúvas, assim como analisaremos o processo de inserção e manutenção da escola Municipal Francisco Pereira Leite na comunidade. Para tanto, apresentamos, primeiramente, os aspectos sociais que compõem a comunidade, em seguida, evidenciamos a história de formação da comunidade e, por fim, apontamos alguns aspectos culturais presentes na comunidade.

2.1. Como tudo começou

A comunidade quilombola Serra das Viúvas (figura 01) está localizada no sertão de Alagoas, a uma distância de quatro quilômetros do município de Água Branca. A comunidade é composta por 73 famílias que correspondem em média 251 habitantes. A economia é advinda principalmente da produção agrícola, com destaque para o cultivo da mandioca, do feijão e milho e o artesanato com peças produzidas em palha e cipó. Também constatamos que uma parcela das famílias recebe algum tipo de transferência de renda de programas sociais, por exemplo, o Bolsa Família.

Figura 01: Comunidade Quilombola Serra das Viúvas, Água Branca-Alagoas.



Fonte: Acervo digital da Comunidade Serra das Viúvas. <http://comunidadescoep.org.br/serra-das-viuv-as-al/>. Acessado em: dez. 2017.

A história da comunidade foi contada através de entrevistas semiestruturadas e relatos dos moradores, que trazem o seu território, por meio da história oral, contada e recontada, perpetuando seus laços de afetividade e a história do seu povo. Tal recurso metodológico foi utilizado por não haver nenhum registro ou documento oficial que contenha dados sobre o início da povoação e por considerarmos uma importante fonte de pesquisa.

A história da comunidade Quilombola da Serra das Viúvas é contada pelos seus moradores em duas versões, que vão passando de pai para filho. A primeira versão conta que a comunidade teve início a partir de duas famílias, mais precisamente duas pessoas, segundo nos contou Maria Izabel “Mãe Bela” (76 anos) (foto 02), atualmente a moradora mais antiga da comunidade. Ela disse que quem começou a povoar a comunidade foi sua tia avó e, em seguida, sua avó que veio de Aracajú para a casa da irmã, chegando à comunidade casou-se com um rapaz e ficaram morando na Serra das Viúvas, como hoje é conhecida. Ainda segundo Maria Izabel - mãe Bela eles não tinham terra, trabalhavam em terras “arrendadas”, arrendar significa dizer que os trabalhadores tinham que pagar para trabalhar nas terras, esse pagamento se dava através do trabalho braçal ou com parte da colheita. Ressalta-se ainda que esse trabalho árduo perdurou por quase cinquenta anos *“hoje não pagamos mais renda, o dono das terras sabendo que tínhamos direitos, nos cedeu quatro tarefas de terra, porém das quatro tínhamos que pagar duas, como não temos condições financeiras, ficamos sem”*. A fala da senhora remete a condição de escravidão que vivenciaram no início da povoação, pois muitos saíam de suas localidades para trabalhar em lugares distantes em troca do trabalho nas terras arrendadas.

Mãe Bela nos contou que ser quilombola hoje é bom, mas todos da comunidade já sofreram muito preconceito, também falou que muitos moradores negam sua identidade por sofrerem ofensas e preconceitos *“alguns negros não querem ser quilombolas por causa que os brancos ficavam mangando deles, então muitos não querem esse apelido, aqui tem uns que tem umas qualidades e não querem ser não”*. A fala de mãe Bela mostra o preconceito sofrido ao longo da história e de toda luta enfrentada pelos negros e pelos quilombolas, quando ela coloca que “muitos tem a qualidade e não quer esse apelido, porque os brancos ficam mangando” mostra justamente o medo de sofrer represálias pela sociedade. Sociedade que rotula as pessoas pelos padrões midiáticos, que sempre mostram que para ser bonita/o precisa ter a pele branca, cabelos lisos, olhos claros, usar manequim 38, dentre outros. Esses são alguns conceitos impostos pela mídia e que a sociedade, na maioria das vezes, acaba propagando.

Perguntamos se ela era quilombola e se sabia o que era ser quilombola. Ela respondeu que “*sim com orgulho*”. Para a moradora ser quilombola é questão de orgulho, ela afirmou que seus pais já eram quilombolas, os mesmos eram oriundos de Delmiro Gouveia, onde residia no povoado Cruz (comunidade Quilombola reconhecida atualmente).

“eu gosto muito de ser quilombola, nunca tive vergonha porque sou negra e pronto, aqui onde moro, minha comunidade é muito boa, meu pai era da Cruz onde nasci, mas eu vi mora aqui mocinha, depois meu pai quis voltar pra lá, eu fui mas não me acostumei mais, porque lá não tinha a fartura que tinha aqui de frutas era muita manga, banana(pausa) tinha de tudo então eu disse pai eu vou voltar pra lá, é lá que eu quero morar, vim me casei (risos), e até hoje, não quero sair daqui, quero morrer aqui)”.

A senhora conta que tem orgulho de ser Quilombola, relata que nunca teve vergonha de sua cor. Percebe-se em sua fala que a mesma não nega sua origem, mesmo com todo histórico de preconceitos sofrido por eles ela ainda diz com um brilho no olhar “*sou negra e tenho orgulho do que sou*”. Percebemos também uma forte relação de pertencimento à comunidade, apesar de não ter nascido no lugar ela sente-se pertencente ao mesmo.

Figura 02: Mãe Bela, moradora mais velha da comunidade.



Autora: Luciene Gomes dos Santos. Ano: 2017.

Na figura acima percebemos que mãe Bela está fazendo artesanato, foi assim que sempre a encontramos, sentada em sua varanda acompanhada de seus filhos, netos e sobrinhos, fazendo o que gosta segundo ela essa é uma tradição que vem atravessando várias gerações.

Segundo nos contou Maria José de Souza, moradora da comunidade e vinda de outro povoado por conta do seu casamento com um morador do quilombo ao chegar à comunidade, ela ficou bastante intrigada com o nome que o local recebera, então, perguntou a sua sogra o motivo pelo qual a comunidade era denominada Serra das Viúvas, já que, poucas eram as viúvas naquela época. Sua sogra contou-lhe que, no início do povoamento, o quilombo era conhecido como Paudalho e abrigava três famílias tradicionais. Essas famílias eram compostas por pai, mãe e filhos. Com o passar dos anos, os pais foram falecendo e a Serra passou a ser residida e representada por três mulheres viúvas, então os populares começaram a dizer “vamos a Serra das Viúvas...”. Assim permaneceu até os dias atuais, passando a ser efetivamente denominada de Serra das Viúvas. Na história da comunidade não existe relatos sobre a origem dessas famílias, aspectos, fisionomia ou descendência.

Por ser muito antigo e não ter documentos registrados sobre a data de origem ou ocupação dos escravos, muitos dos moradores atuais desconhecem a história e a cultura negra a que pertencem, já que os únicos aspectos que restaram da antiga cultura foram a agricultura, juntamente com a produção de farinha de mandioca e os seus derivados, bem como o artesanato que, apesar de não ser uma singularidade apenas dos quilombolas é uma herança fundamental na história e na vida dos residentes da Comunidade Quilombola Serra das Viúvas.

A comunidade foi reconhecida pela Fundação Palmares em vinte e seis de novembro de 2007, publicada no Diário Oficial da União n.º228 de 28 de novembro de 2007, Seção 1, f. 29, como remanescentes de quilombo.

Como mencionado anteriormente, até o ano de 2007, a comunidade não se auto identificava como remanescente de quilombola, com isso algumas características de seus descendentes como, por exemplo, o coco de roda dançado pelos antigos para planejar as casas de chão de barro foi esquecido no tempo.

Por acreditar na origem negra de seus antepassados e ter encontrado no artesanato local motivos para buscar a auto identificação da comunidade, a presidente da AMAQUI (Associação das Mulheres Artesãs Quilombolas da Serra das Viúvas), Marlene de Araújo procurou a Fundação Cultural Palmares e, no dia 06 de Outubro de 2009, o povoado passou a ser o grande quilombo do sertão, mas, ainda não recebeu o título das terras. Segundo a líder da comunidade Marlene de Araújo, eles só tem “o chão de casa”, ou seja, sua moradia, ela ressalta também que as terras já foram demarcadas, no entanto os moradores mais velhos não aceitam as mesmas, pois segundo ela os mesmos tem receio que ao aceitarem possam

acontecer algo com eles e suas famílias e diz ainda que, aquilo não os pertence, pois não pagaram por elas. A presidente da associação mostra o medo sofrido pelos moradores, pois, mesmo tendo conhecimento sobre seus direitos se negam a aceitar as terras por receio de sofrer represálias por parte dos “donos da terra”.

É importante que conheçamos o processo histórico pelo qual enfrentou e enfrentam os remanescentes de quilombos, suas lutas por resistência que se estende por longos períodos. As lutas por um “existir” adquirido através de batalhas pelo direito ao território, às tradições, à identidade, dentre outros.

Essa postura analítica redimensiona o problema que se apresenta à uma política do reconhecimento, pois para os “remanescentes das comunidades dos quilombos” não está em jogo somente uma diferença posta em uma condição econômica, mas evidentemente em uma representatividade sociocultural que não encontra lugar. Reconhecer as diferenças culturais sem substancializá-las ou autenticá-las, mas na sua alteridade crítica que nos faz pensar quem somos. (CHAGAS, 2001, p. 232-233).

Por meio dos relatos dos moradores percebemos que a comunidade enfrenta vários empecilhos, um deles é o direito às terras, suas por direito, no entanto, os próprios moradores não se sentem pertencentes àquelas terras por entender que as mesmas têm donos e, para que possa ser suas, teriam que pagar um valor financeiro por elas. Eles não entendem que as mesmas já foram pagas com o suor dos seus rostos através das lutas árduas enfrentadas ao longo do tempo. Por esse motivo é necessário conscientizá-los sobre a herança cultural e sobre o seu reconhecimento enquanto sujeitos de direitos, ou seja, um trabalho que poderá iniciar a partir de ações promovidas pela escola através de projetos com temáticas relacionadas à história dos negros, dos quilombos, das lutas que enfrentaram para hoje serem donos de suas terras.

2.2. Processo histórico de reconhecimento das Comunidades Quilombolas

O reconhecimento identitário dos povos quilombolas veio a ocorrer a partir da Constituição de 1988 quando iniciou as “mudanças”, nas lutas dos movimentos sociais, já que contavam com uma legislação mais compatível com os seus interesses. As autoras Furtado, *et.al.* (2014) nos traz informações pertinentes para entendermos como aconteceu o processo histórico de lutas dos remanescentes de quilombos.

No período pós-abolição, a população negra se manteve excluída do acesso a diversos direitos fundamentais e a luta pelos direitos quilombolas se somou às lutas da população negra de modo geral, sendo uma forte bandeira dos movimentos negros organizados durante os séculos XX e XXI. O processo de fortalecimento da luta pelos direitos quilombolas construiu, todavia, uma outra faceta importante do ponto de vista político-organizativo que é a constituição do movimento quilombola, com suas especificidades em relação ao movimento negro urbano (FURTADO, et al., 2014, p. 02).

As autoras nos levam a refletir sobre a dimensão histórica, social, identitária, política e organizacional das comunidades quilombolas e seus reflexos na estruturação dos movimentos sociais em prol dos direitos desses grupos. Segundo as autoras a identidade quilombola se dá pela garantia da existência física, social e cultural das comunidades. Todo esse processo marca a história do país e chega aos dias atuais expresso na luta pela garantia dos direitos das comunidades quilombolas, com ênfase no direito ao território. Entendemos que o problema relacionado aos quilombolas não são formados apenas pela diferença ou condição econômica, mas, necessita da representatividade sociocultural visando entender quem são eles, ou seja, um processo de reconhecimento da sua cultura e das suas identidades.

O conceito de identidade está sendo discutido no âmbito dos estudos culturais, na busca por novas explicações frente ao contexto dinâmico da contemporaneidade, na relação simultânea entre a identidade pessoal, como também a identidade coletiva. Castells (1999, p. 22) conceitua que;

Identidade é um processo de construção e significado com base em atributo cultural ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual (ais) prevalece (m) sobre outras fontes de significados. Para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas. No entanto, essa pluralidade é fonte de tensão e contradição tanto na auto-representação quanto na ação social.

O conceito definido por Castells (1999) sobre o processo identitário é de fundamental importância para o desenvolvimento desta pesquisa, pois o mesmo conceitua que o processo de construção e significação da identidade está baseado em conjuntos de atributos culturais que estão inter-relacionados, ressalta ainda que, essa construção da identidade prevalece sobre outras fontes de significados, pois, cada indivíduo tem múltiplas identidades, porém, segundo o autor essa pluralidade se transforma em tensão e contradição tanto na auto representação quanto na ação social. Apesar do/s indivíduo/s possuírem diversas identidades, muitas vezes elas são negadas por falta de compreensão e/ou apoio social.

Braga e Duarte (2014) retratam nos estudos culturais reflexões sobre o processo educativo para as classes populares. Segundo eles os processos identitários caracterizam-se também, pela produção da diferença e da relação de pertença entre indivíduos e grupos sociais, oferecendo nas suas origens, nas relações, identificações objetivas ou subjetivas. Estes elementos apontam por demarcar a identidade pessoal e a identidade coletiva.

Na perspectiva de Johnson (2006) somos convidados a aprofundar estudos e pesquisas numa conexão entre trabalho intelectual e político, por isso, se faz necessário o diálogo com projetos específicos sobre os estudos culturais e seus diversos avanços, através das críticas, as contribuições com as novas formulações e, sobretudo, as indagações e possibilidades de estudos que possam subsidiar a realidade, sobretudo a pesquisa e a crítica educacional. Os autores nos levam a entender que, além de discutir a identidade em questão, existem outros aspectos e fatores a serem considerados no processo de “ser quilombola”, como, por exemplo, a autoafirmação, a aceitação, as heranças culturais e o enraizamento.

Mesmo com o reconhecimento da comunidade Quilombola Serra das Viúvas, algumas crianças da comunidade não sabem o que de fato é pertencer ao quilombo. Ao ser questionado sobre sua identidade, ou seja, ao perguntar você é quilombola? Muitos nos responderam perguntando “Quilombola, o que é isso?”. Essa resposta nos leva a entender que apesar de morarem na comunidade, muitos não entende o significado da sua origem, o porquê do nome “quilombola”. Neste sentido, apontamos que a escola tem papel fundamental para transmitir conteúdos condizentes com a realidade local do aluno. São direitos garantidos pela Constituição Federal de 1988; pelas diretrizes nacionais para a educação Quilombola, dentre outras. Estas leis contribuem significativamente no entendimento e no reconhecimento do processo identitário, principalmente, no que diz respeito ao ambiente escolar, pois com a implantação das Leis, as instituições educacionais tiveram aparato para trabalhar com as questões voltadas aos diversos tipos de etnias, respeitando sempre as suas diferenças e singularidades, lutando pela igualdade dos direitos educacionais e sociais.

2.3. O processo de reconhecimento do que é ser quilombola

Percebemos que a formação das comunidades quilombolas não é algo recente, porém eram denominadas de comunidades negras. Houve todo um processo histórico de luta pelo reconhecimento como comunidade quilombola. Silva (2015, p. 69) trata de questões pertinentes sobre a formação das comunidades quilombolas, sobre as revoltas dos escravos e a formação de quilombos,

Durante quase cem anos, a contar da Abolição aos anos setenta do século XX, os quilombolas formaram o que se chamou de comunidades negras rurais. No alvorecer da Constituição Federal de 1988, seus membros foram titulados de remanescentes de quilombos, para quem o Estado brasileiro resolveu reparar os males causados pela escravidão mediante políticas denominadas ações afirmativas.

A comunidade quilombola Serra das Viúvas sempre foi rodeada por uma mata fechada e, segundo os moradores, os negros para não percorrer os quase 4 km para ter acesso ao quilombo, criaram atalhos para reduzir o percurso. Por esse motivo, o quilombo possui três caminhos para a cidade de Água Branca e que atualmente serve também como trilhas ecológicas.

A comunidade Serra das Viúvas é um ponto turístico da cidade de Água Branca, sendo bastante visitada por turistas e pesquisadores, que ao chegar a cidade sempre procuram visitar a comunidade para conhecer suas belezas naturais e seus artesanatos locais, além da comida típica local. À comunidade sempre procuram por Marlene que recepciona em sua casa. Por esse motivo Marlene fala da necessidade da construção de uma sede para fazer exposição dos seus artesanatos e recepcionar os turistas. *“Aqui em casa é o local que o pessoal sempre procura, eu e minha família temos prazer de receber, só que aqui em casa não tem muito espaço pra receber todo mundo, por isso queremos construir a nossa sede”*. Todos os moradores falam que a casa de Marlene é um ponto turístico, cartão postal da comunidade e a própria Marlene nos contou que mesmo após a construção da sede ainda quer que a sua casa seja visitada, porque segundo ela todos já se acostumaram com a movimentação *“já disse para todos aqui de casa quando eu morrer quero que continue meu trabalho, nossa casa tem que continuar servindo a comunidade”*. Como percebemos Marlene sente-se orgulhosa em servir a comunidade e quer que na sua ausência seus familiares dê continuidade ao seu trabalho, sua luta.

O quilombo atualmente encontra-se diversificado com moradores de outros povoados circunvizinhos, através dos casamentos entre quilombolas e pessoas de outros povoados e até outros municípios, ocorrendo à miscigenação além da resistência por parte dos moradores, pois muitos não se auto declaram negros ou ficam em dúvida. Esses fatos ocorrem por falta de esclarecimento, pois, ao conversar com alguns moradores, percebemos que muitos não sabem o significado de ser quilombola.

Ao visitar a comunidade escolar e a comunidade quilombola, de início conversamos com alguns moradores e estudantes sobre o que é ser quilombola. A pergunta foi feita a seis pessoas de diferentes faixas etárias e as respostas foram diversificadas.

A primeira foi uma criança de seis anos, que ao ser questionada sobre o que era ser quilombola, ela respondeu: “*Não sei o que isso não, tia!* E ficou curiosa para saber o que era. Essa fala de certa forma demonstra que a escola não vem trabalhando questões relacionadas a identidade negra em sala de aula.

A segunda foi uma jovem de dezoito anos, que respondeu com clareza sobre o que ela entende como ser quilombola “*ser quilombola não é só fazer parte da comunidade, ou seja, eu posso morar aqui e não ser quilombola, agora se eu disser eu sou quilombola, pronto, eu sou quilombola*”.

A terceira entrevistada foi uma outra jovem que não quis revelar sua idade, ela nos contou que “*ser quilombola é está no meio do povo, é mostrar pra que veio, é respeitar e ser respeitado*”.

A quarta entrevistada foi outra criança de oito anos, estudante da escola da comunidade, essa nos respondeu que a mãe era quilombola, mas não soube contar o que isso significava, “*Eu não, minha mãe é que é*”! A resposta dessa criança nos mostra que ela já ouviu esse termo antes, até soube nos informar sobre sua família.

A quinta entrevista foi com uma senhora que aparentava uns cinquenta e dois anos de idade. Ela respondeu que ser quilombola é ter o direito a terras e ao título e disse mais ainda “*eu sou quilombola, nasci aqui, meus pais eram quilombolas, então eu sei que sou quilombola, só que nossos direitos são totalmente negados*”. Por último conversamos com uma senhora de aproximadamente 60 anos, essa nos respondeu que “*para mim, ser quilombola é ter sangue de negro, é você se aceitar como quilombola*”. A resposta dessa senhora mostra que ela tem consciência do que é ser Quilombola. O inverso do questionamento de outra senhora colhida em um documentário denominado “*somos quilombolas*”, gravado na própria comunidade Serra das Viúvas. A senhora durante a entrevista pergunta a pesquisadora “*agora eu quero saber, o que é mesmo esse negócio de carambola?*”. Essa indagação dessa senhora pode ser a de muitas outras pessoas da comunidade que, apesar de residir e de ser quilombola, não entende o significado, a história dos seus antepassados, as lutas e as resistências que passaram para alcançar o reconhecimento dos seus direitos.

Nas entrevistas percebemos que as respostas variam de acordo com as idades, ou seja, apesar de alguns verem a inserção da escola na comunidade como provedora de conhecimento, contribuindo para a afirmação da identidade quilombola, nos relatos percebemos que não é bem assim, que as pessoas mais velhas tem mais propriedade para falar sobre sua identidade do que as mais novas que frequentam a escola. Entendemos que a questão identitária se dá através da relação entre os sujeitos e o meio ao qual habita.

2.4. Aspectos Sociais da Comunidade

Os moradores da comunidade quilombola Serra das Viúvas sobrevivem exclusivamente da agricultura e do artesanato. Além disso, alguns moradores também estão incluídos no programa governo o bolsa família, como o valor não é suficiente para a manutenção das famílias, a maioria dos homens e adolescentes deslocam-se para usinas de cana-de-açúcar no estado de Sergipe ou mesmo em Alagoas para trabalhar no corte da cana-de-açúcar, buscando uma melhoria na renda complementar da família.

Outros moradores, por sua vez, trabalham como pedreiros ou carpinteiros dentro da própria comunidade e fora dela. Algumas famílias têm em suas casas um pequeno comércio que é uma espécie de bodega de onde tiram sua renda mensal. A maioria das mulheres vive da produção do artesanato, algumas mulheres que optaram por não produzirem artesanato vão para a cidade de Água Branca trabalhar como empregada doméstica ou faxineiras.

A Comunidade Serra das Viúvas é de fácil acesso à cidade, já que a grande maioria dos habitantes possui motocicleta ou carros modelo D20 utilizados como transporte coletivo para a cidade de Água Branca e povoados circunvizinhos. Outros moradores fazem o percurso a pé pelos atalhos ou trilhas que dura aproximadamente de quinze a vinte minutos.

De acordo com os dados extraídos do levantamento feito pela associação da comunidade no ano de 2016, a comunidade não dispõe de estradas pavimentadas, posto de saúde, água encanada e saneamento básico. Quando os moradores adoecem, recorrem ao hospital ou posto de saúde da cidade de Água Branca. Uma moradora nos relatou que muitas pessoas os procuram para fazer projetos, no entanto não sabem dizer qual a utilidade, *“aqui aparecem muita gente para fazer pesquisa e projeto, dizendo que viu a gente na internet que a gente tem direito a isso ou aquilo, só que nós não temos nada disso, o povo some, não sabemos o que fazem porque não somos nós que fazemos”*. A água é trazida por carros pipas e complementada com pequenas fontes localizadas dentro do povoado ou em povoados vizinhos. Todas as casas têm o sistema de fossa e possuem luz elétrica. A moradora relata sua

insatisfação referente às pessoas que procuram a comunidade para se beneficiar por meio de estudos e projetos, no entanto, quando conseguem concluir a pesquisa não comparecem mais lá. Ou seja, não dão retorno para a comunidade. Nesse sentido, sentimos a necessidade e o compromisso de deixar um legado para a comunidade, pois ao término da pesquisa faremos uma revisita a comunidade escolar e as demais pessoas e apresentaremos um banner para que possam utilizar essas informações como fonte de pesquisa.

2.5. A escola e a comunidade

A comunidade dispõe de uma escola inaugurada em 2002, a Escola Municipal de Educação Básica Francisco Pereira Leite (foto 03), é uma extensão da escola do povoado Sítio Batuque próximo ao quilombo. Salientamos que só há registro de matrícula a partir do ano de 2005. O projeto de implantação da escola na comunidade foi aceito depois de muitas reivindicações por parte dos moradores residentes na comunidade, os mesmos relataram que o objetivo da vinda da escola até a comunidade visava a melhoria da qualidade de vida dos moradores da comunidade ali presente, porém, não foi fácil implantar a escola na comunidade. Segundo informações dos moradores e da própria secretaria de educação, a ideia não foi bem vista pela maioria dos funcionários da Secretaria Municipal de Educação de Água Branca - SEMED, na época da implantação da escola, por acreditarem que não tinha público suficiente para frequentar a instituição. A escola apesar de estar dentro de uma comunidade quilombola, não é registrada como uma escola Quilombola, pois, segundo a coordenadora Angelita Xavier dos Santos a mesma é tratada como uma escola básica (comum) por isso não recebe os recursos financeiros que corresponde a uma escola quilombola.

Uma jovem estudante da Educação de Jovens e adultos –EJA Joyce Oliveira dos Santos relatou-nos que quase não concluía a etapa de seus estudos, pois, há aproximadamente dois anos o poder municipal queria fechar a escola no turno noturno, justificando que era para reduzir gastos, a mesma relata ainda que foi procurar os meios de comunicação para contar a situação, pois não queria ficar sem estudar *“fui para a rádio pedir apoio para não fechar a escola, pois, tinha uma bebê e não podia me deslocar para a cidade, também não queria parar de estudar”*. A fala da jovem mostra a importância de se ter uma escola dentro da comunidade, pois, assim como ela outras pessoas são privadas de estudar por falta de condições e apoio do poder público. Ao retornar a comunidade a jovem contou-nos toda feliz que tinha conseguido manter a escola funcionando e que tinha concluído a etapa de seus

estudos “*eu agora estou na cidade, e em breve estarei na Universidade*”. A jovem Quilombola tem vontade de continuar estudando, pois segundo ela é uma coisa que sempre quis, por isso lutou para não fechar a escola para que outros possam ter também a mesma oportunidade.

Figura 03: Escola Municipal Francisco Pereira Leite.



Autor: Luciene Gomes dos Santos. Ano: 2017.

A escola funciona nos três turnos, sendo que nos turnos matutino e vespertino as turmas são multisseriadas do primeiro ao quinto ano do ensino básico. No turno noturno, são ministradas aulas para jovens de um programa governamental de educação para jovens rurais – “Projovem do campo saberes da terra”. Nesse projeto os alunos contemplados recebem uma bolsa de incentivo no valor de cem reais mensais¹. Como dito anteriormente a escola só funciona até o quinto ano, ao concluírem essa etapa os alunos se deslocam para a cidade de Água Branca para dar continuidade aos estudos, ficando a cargo da administração municipal e estadual o transporte para o deslocamento dos alunos.

Atualmente com base nos dados colhidos junto a Secretaria de Saúde, especificamente o Agente Comunitário de Saúde, a comunidade possui setenta e três famílias e duzentos e cinquenta e uma pessoa. Referente a escola da Comunidade, buscamos informações colhidas na SEMED e constatamos que os alunos que compõe o corpo escolar são moradores da própria comunidade, já que a lei de Diretrizes e Bases Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola “obriga” o funcionamento de uma escola dentro da própria comunidade Quilombola. A Lei Diretriz e Base da Educação- LDB 9394/96, também mostra que além da escola ser implantada em suas terras, precisa de um tratamento diferenciado, respeitando sua

¹ Segundo informações da coordenadora da escola o projeto foi encerrado em janeiro de 2017.

cultura e suas especificidades, chamando atenção para que os professores sejam pessoas da própria comunidade.

A Educação Escolar Quilombola é desenvolvida em unidades educacionais inscritas em suas terras e cultura, requerendo pedagogia própria em respeito à especificidade étnico-cultural de cada comunidade e formação específica de seu quadro docente, observados os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios que orientam a Educação Básica brasileira. Na estruturação e no funcionamento das escolas quilombolas, deve ser reconhecida e valorizada sua diversidade cultural. (LDB, 1996, p. 42).

O documento das diretrizes curriculares nacionais para a educação escolar quilombola, institui orientações para que os sistemas de ensino formulem projetos político-pedagógicos adequados à especificidade das vivências, realidades e história das comunidades quilombolas do país.

Como dito anteriormente a escola foi implantada na comunidade Quilombola no ano de 2002, porém, segundo dados obtidos na secretaria de Educação a mesma não tem um tratamento diferenciado, ou seja, não é tratada como quilombola, pois os professores não tem um olhar voltado para as especificidades da comunidade. Nesse sentido, entendemos que é de fundamental importância conhecer como ocorrem os processos identitários dos alunos da comunidade e como o corpo docente trabalha com essa realidade.

O processo identitário é uma forma dos alunos se perceberem enquanto sujeitos da sociedade em que vivem e entenderem que eles têm uma história de vida, fazem parte de uma família, de grupos sociais e pertencem à comunidade. A construção da identidade se dá por meio das interações da criança com o seu meio social.

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpretados nos sistemas que nos rodeiam. É definida historicamente e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurradas em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2006, p.12-13).

Como aponta Hall (2006) a identidade de um sujeito não está determinada, não é algo unificado, a identidade está sempre em transformação, por exemplo, podemos nascer em uma comunidade Quilombola, mas de acordo com significações e transformações sociais podemos não nos reconhecer como pertencente àquele grupo, assim, como outra pessoa que não

necessariamente tenha nascido na comunidade, mas sente-se pertencente a ela, se identifica como quilombola.

Acreditamos que a escola é um universo social diferente do da família, que a mesma deva favorecer novas interações, ampliando desta maneira seus conhecimentos a respeito de si e dos outros, pois, a identidade é construída a partir das relações estabelecidas nos grupos em que a criança convive. Segundo Giddens (2002) apud Santos (2011, p. 01);

Identidade é um conceito que de maneira mais pontual se articula ao questionamento que é feito cotidianamente sobre quem somos. As respostas que surgem a este questionamento, tão corrente nos dias atuais, são os elementos que vão formar o núcleo básico do que se pode conceituar a partir da terminologia “Identidade”. Porém, o conceito de identidade não deve sugerir a objetivação de um ente imutável e naturalizado em relação ao tempo e ao espaço.

Nesse sentido, a escola deve proporcionar um ambiente rico em interações, que acolha as particularidades de cada indivíduo, promova o reconhecimento das diversidades, aceitando-as e respeitando-as, ao mesmo tempo em que contribui para a construção de si e da coletividade. Consideramos que as crianças crescem sem saber ao certo sua origem, muitas afirmam “sou quilombola” sem saber ao certo o que significa ser do quilombo. A escola quilombola busca evidenciar sentimentos de pertencimento, ou seja, não apenas estar inserido na comunidade, mas fazer parte da mesma.

A instituição de ensino deve trabalhar em conjunto com a comunidade, ambas não devem atuar de forma dissociada e sim em conjunto, pois, atualmente encontramos algumas instituições que necessitam (re) pensar a sua prática pedagógica para construí-la voltada para a necessidade e identidade do sujeito, considerando-o como um ser heterogêneo, com necessidades individuais. No entanto, a escola muitas vezes ainda encontra-se centrada nos conteúdos e em sua transmissão, bem como, na formação técnica em detrimento da formação humana. Para Libâneo (2005, p. 19) “o ato de agir pedagógicos, está, portanto em investigar constantemente o conteúdo do ato educativo em sua complexidade de sentidos, entre eles o multifacetado”. O argumento do autor nos convida enquanto profissionais da educação e pesquisadores (as), a pensar no papel da educação frente a esta realidade, assim como, na presença dos sujeitos envolvidos em sua diversidade cultural e étnico racial.

2.6. Principais Atividades Culturais econômicas da Comunidade

A comunidade além de oferecer sua culinária e seu artesanato, recebe frequentemente visitas de turistas e estudantes de todos os estados brasileiros e também de outros países. Essas visitas chegam à comunidade a procura de Marlene, ela que é líder da Comunidade sempre está em busca de melhorias para o “seu povo”. Segundo Marlene, depois que a comunidade foi reconhecida como Remanescente de Quilombo, passou a ter um olhar diferenciado por parte da sociedade. Atualmente seus artesanatos (figura 04) estão sendo valorizados relatou ainda que, agora estão aos poucos conseguindo ter visibilidade.

Figura 04: Artesanatos feitos pela associação AMAQUI.



Autor: Luciene Gomes dos Santos

Durante a pesquisa percebemos que a Associação AMAQUI não dispõe de uma sede ou local para receber os turistas e expor seus produtos. Por falta de local apropriado, a casa de Marlene funciona como um local de recepção para os visitantes que procuram a comunidade com a finalidade de realizar pesquisas sobre algum aspecto do povoado, hospedando-se em sua residência. Já para exposição de suas peças a associação utiliza a casa de farinha (fotos 05 e 06). Segundo as associadas, a falta da sede prejudica muito na exposição dos artesanatos, pois, na casa de farinha, além de não ser um espaço adequado, muitas vezes está ocupada com o processo de farinhada. Marlene de Araújo relatou que é cansativo ter que está colocando as peças e retirando a todo o momento, esse processo segundo ela acaba danificando os trabalhos artesanais.

Figura 05: Casa de farinha.



Autor: Luciene Gomes dos Santos. Ano: 2017.

Figura 06: Interior da casa de farinha.



Autor: Luciene Gomes dos Santos. Ano: 2017.

Associação AMAQUI é o destaque nacional e internacional do quilombo. Atualmente estão registradas quarenta artesãs, porém nem todas exercem suas atividades semanais dentro da associação que teve seu registro em 2010. São produzidas peças de palha de ouricurizeiro, palha de bananeira e também palha de milho, cipó de praticamente todas as espécies, algumas artesãs também produzem a renda singeleza, pintura em panos, fuxico, tapetes com sacolas plásticas, etc. São produtos diversos, desde a tradicional vassoura da palha de ouricurizeiro até artigos de casa e cozinha. Também são fabricados diversos acessórios como cintos, bolsas de vários modelos, rosas, coletes, dentre outros.

Figura 07: Revista da Gazeta de Alagoas as artesãs da AMAQUI.



Fonte: acervo digital da Comunidade Serra das Viúvas. <http://comunidadescoep.org.br/serra-das-viuvas-al/>. Acessado em dez. 2017.

A comunidade está acostumada com aparição em documentários, jornais televisionados, catálogos e banners etc. Em 2016, entre todos os artesanatos do estado de Alagoas, Serra das Viúvas foi selecionada para representar o dia do artesão, cedendo uma entrevista para a TV Gazeta de Alagoas, contando sobre a tradição e mostrando o processo de confecção do artesanato.

Além do artesanato a produção de farinha de mandioca e a lavagem de roupas são dois potenciais diferenciados na comunidade que chamou a atenção da rede Globo de televisão, a mesma foi até o quilombo Serra das Viúvas com a proposta de gravar cenas para a novela das nove, “Velho Chico”. Criada por Benedito Ruy Barbosa e Edmara Barbosa, as cenas foram exibidas entre 14 de março a 30 de setembro de 2016, com 172 capítulos. A intenção foi gravar cenas que pudessem representar a realidade sertaneja do passado e as práticas da comunidade serviram para os objetivos da novela.

2.7. Igreja Santa Cecília

A comunidade pratica a religião católica apostólica romana. Todas as pessoas do quilombo dizem ser católicos, sendo, a Padroeira “Santa Cecília”, uma escolha feita por um

antigo professor que atuava na escola local. Ele, ao chegar na comunidade no ano de (2002) para ministrar aulas na turma de Jovens e adultos (EJA), no turno noturno trouxe para a escola uma Santa, até então desconhecida pelos moradores locais. De acordo com Maria Helena Ambrósio, Maria Helena Menezes de Souza, dentre outros jovens entrevistados, a ideia proveio ao professor pelo fato de, na época de sua atuação na comunidade quilombola, a mais antiga moradora local se chamar Cecília.

Cecília era a moradora mais velha da comunidade, aí o professor da escola da noite (EJA) levou para a escola a imagem da Santa, daí montamos um grupo de oração e rezava dentro da escola, todas as noites a gente tirava um papelzinho e rezava para ela. Também ficamos sabendo que ela era o a padroeira dos estudantes e dos músicos.

A comunidade se mobilizou para a construção de uma capela e, dentro de três anos, conseguiu erguê-la por meio de doações dos próprios moradores.

No mês de novembro comemora-se a festa da Padroeira que ocorre na data de treze até vinte dois de novembro. Nestes dias os quilombolas realizam novenários. Durante todos os dias que perdura a festa, os moradores se reúnem para “fazer uma festa bonita”. A organização é feita da seguinte forma: todos os dias três famílias ficam responsáveis pela realização da noite de novena, cada um incumbido de sua responsabilidade oferece café da manhã, almoço e jantar para os zabumbeiros e alguns convidados, além dos fogos que ocorre todos os dias nos horários de 06hs, 12hs, 18hs e durante a novena que inicia sempre às 19:30. As comidas ofertadas são típicas da própria região como: tapioca, beiju, sucos regionais, bolos de vários sabores, buchada de bode, sarapatel, pirão, carne de bode, carne bovina, carne de porco e a famosa galinha de capoeira ou galinha caipira.

No dia 22 de novembro ocorre o encerramento da festa sempre com uma tarde de louvor no qual todos os jovens, crianças, adultos e idosos participam. Quando a noite se aproxima o pároco da cidade de Água Branca vai até a comunidade celebrar a santa missa para o encerramento dos festejos. Após a missa ocorre uma procissão percorrendo os principais locais da comunidade.

Maria Helena (Leninha) ao ser questionada sobre como se sentia participando da festa nos disse que “*é um momento sublime, eu me sinto muito feliz, muito realizada, era um sonho de a comunidade ter uma capela e agora temos. Na hora da novena, ver todo mundo rezando é muito lindo. Essa expressão de fé que une a comunidade e que nos faz mais forte, tanto no*

sentido da fé católica como no sentido de comunidade”. Na figura -09 temos a Igreja Santa Cecília e seus fiéis no período do novenário.

Figura 08: Igreja Santa Cecília.



Autor: Luciene Gomes dos Santos. Ano: 2017.

Figura 09: Interior da Igreja Santa Cecília.



Autor: Luciene Gomes dos Santos. Ano: 2017.

Todos os dias durante o novenário os fiéis lotavam a Igreja para louvar e agradecer a Santa Padroeira pelas graças alcançada. Um dos desafios dos organizadores da festa era acomodar tanta gente dentro da Igreja. Uma das organizadoras, Maria Eliane (48 anos), relatou que essa festa é uma realização para todos, pois esse é um sonho que começou com o professor que não teve o nome revelado e agora está sendo concretizado.

As meninas fez um grupo jovem, toda quinta a noite ia rezar, depois elas se juntaram para fazer uma igreja. Pediram uma casa véia e ficaram lá, depois uma senhora deu um chão onde hoje é a Igreja. O grupo de oração acabou porque umas se casou, outras se mudou e assim foi acabando. Bem, eu corri atrás da construção da Igreja porque minha filha que fazia parte do grupo de oração um dia chegou pra mim e disse “Mainha se eu morrer a senhora faz a Igreja?”. Eu falei que não, e saímos para pedir ajuda em Água Branca, nesse dia arrecadamos um valor financeiro e dois sacos de cimento, com o valor arrecadado compramos mais cimento e tijolos, e foi assim que conseguimos fazer a igreja com doações (Eliane, 48 anos, 2017).

Continuamos a entrevista indagando sobre o significado da festa e ela responde “*pra mim significa tudo, essa festa é uma benção para todos nós. É uma benção, me sinto uma rainha, uma pessoa mais importante do mundo. Entrar na Igreja e ver tanta gente é uma benção do céu*”. Sobre a intenção da realização da festa ela acrescenta “*Nós espera que Deus e Santa Cecília derrame uma graça, nós se sente mais forte, mais corajudo, para nós ficar mais forte ainda. O problema que temos é com o financeiro e o espaço físico, no caso a igreja pequena pra tanta gente, fica gente de fora nas calçadas, isso é um problema*”. Durante a entrevista da Eliane nos contou sobre a dificuldade que a comunidade passa nos dias de festejos, principalmente nos religiosos, pois, a Igreja não dispõe de espaço suficiente para acolher todos os fiéis.

2.8. Participação da escola e dos alunos na festa do dia 20 de novembro - Dia da Consciência Negra.

Durante a semana que antecedeu a festa e na semana da realização da mesma, foram feitas observações na escola para identificar se era trabalhada alguma temática relacionada à identidade quilombola durante o dia da consciência negra. Percebemos que a escola não trabalhou nenhum projeto voltado para esse dia tão especial e esperado pela comunidade. No entanto, as professoras Elaine e Maria José, reservaram algum tempo das suas aulas para trabalhar com a temática voltada a realidade da comunidade, que no momento era a grandiosa festa do dia 20. Percebemos também que essa temática foi feita de forma pontual, ou seja, só percebemos essa abordagem nos dias próximos ao evento. Nas demais idas não presenciamos nenhuma atividade relacionada à identidade quilombola.

Durante a semana da festa as crianças ficaram eufóricas com os ensaios das danças que iriam apresentar a professora ensaiava na escola com eles e pediu que continuasse os ensaios em casa, pois, segundo ele só o tempo que tinham na escola não era suficiente para uma boa apresentação. Isso as crianças faziam, quando chegavam em casa umas ficavam chamando as demais para ensaiar. Durante esses dias que passamos na escola e na comunidade, observamos a alegria e a satisfação que as crianças, seus pais e toda a comunidade tinham em participar da festa.

Como atividade do dia da Consciência Negra, identificamos que os professores da escola da comunidade trabalham com temáticas que remete a identidade do sujeito, como por exemplo, a apresentação de algumas danças afro, como a capoeira, o axé, dentre outros

(figura 10,11) observamos as crianças ensaiando na escola, além de uma introdução sobre a dia da consciência negra e seu significado.

Figura 10: Crianças praticando capoeira na escola.



Autor: Luciene Gomes dos Santos. Ano: 2017.

Figura 11: Mais crianças praticando capoeira no interior da escola.



Autor: Luciene Gomes dos Santos. Ano: 2017.

Estes festejos são de fundamental importância para a afirmação identitária dos moradores da Comunidade Quilombola Serra das Viúvas, assim como para os visitantes que vão prestigiar e compartilhar conhecimentos. Todos os moradores e a a escola local se envolvem nos preparativos, Todos os olhares são voltados para a festa. Em um determinado momento das apresentações das danças, Marlene nos contou que “*eu sou Quilombola, tenho orgulho de ser o que sou, olha que negra mais linda!*”, apontando para as crianças que se apresentavam no momento.

3. O QUE É SER QUILOMBOLA NA COMUNIDADE SERRA DAS VIÚVAS?

Neste capítulo apresentaremos as análises dos dados coletados a partir de pesquisas de campo utilizando as seguintes estratégias metodológicas: observação e registros escritos e fotográficos de dois grupos de crianças, seus respectivos professores e funcionários da escola Francisco Pereira Leite. Importante salientar que os nomes das crianças foram preservados por serem menores de idade.

Nossa pesquisa partiu do contexto escolar, tendo como objetivo entender como acontece o processo identitário dos alunos da escola Municipal Francisco Pereira Leite da comunidade Serra das Viúvas, situada no município de Água Branca Alagoas. Dentro desse contexto buscamos entender algumas inquietações como: analisar a inserção e a participação dos alunos da escola Municipal Francisco Pereira Leite neste contexto.

A pesquisa foi realizada em duas turmas multisseriadas, uma que atende crianças desde o pré escolar até o segundo ano (faixa etária de 4 a 7 anos) e a outra atendendo crianças do 3º, 4º e 5º ano do ensino fundamental I (faixa etária 8 a 13 anos), além de professores, diretor, coordenador, corpo de apoio e de alguns moradores da comunidade. Para isso buscamos entender os processos identitários vivenciados pelos alunos na escola Municipal Francisco Pereira Leite, para poder tecer reflexões sobre a comunidade Quilombola e as formas de afirmação identitária no ambiente escolar, suas potencialidades e os principais desafios.

A nossa volta a comunidade no período de outubro/novembro não foi motivo de estranhamento, pois, já havíamos desenvolvendo essa pesquisa há alguns meses. Tivemos contato com alguns moradores da comunidade, assim como acompanhamos e fotografamos os trabalhos desenvolvidos pela associação das Mulheres Quilombolas (AMAQUI), o que estreitou bastante os laços entre os proponentes da pesquisa.

Neste momento a nossa ida a comunidade foi para entrevistar e observar como a comunidade Quilombola e a comunidade escolar (Igreja, escola, Associação e moradores) se envolvem com a organização e realização da festa em comemoração ao dia da consciência negra (vinte de novembro). Assim como a festa da Padroeira Santa Cecília que ocorre do dia treze a vinte e dois de novembro. Para a observação foi necessário chegar com alguns dias de antecedência a Comunidade Quilombola para vivenciar todas as etapas, desde os momentos da organização até o dia da realização das festas.

No momento das entrevistas foi apresentada aos entrevistados a proposta do trabalho de pesquisa com a temática “Quem sou eu, quem somos nós? conhecendo os processos identitários dos alunos da escola municipal Francisco Pereira Leite da comunidade Serra das Viúvas, em Água Branca /Alagoas”, para eles entendessem o objetivo das entrevistas. Nesse momento foi solicitado à assinatura do termo de consentimento constando o direito de uso dos depoimentos e imagens meramente para a pesquisa acadêmica do TCC e publicações futuras.

O roteiro da entrevista (anexo A) não obedeceu ao critério de perguntas pré-estabelecidas, entretanto, permaneceu o contexto das perguntas semiestruturadas.

Entrevistamos dona Izabel Oliveira dos Santos (Belinha), uma senhora de 53 anos de idade, para entender o sentimento pertencimento a comunidade Quilombola. Ela nos respondeu “*me sinto muito importante morando aqui, hoje nós somos reconhecidas como quilombolas, vem muita gente de fora visitar a gente. Então... é bom morar aqui*”. Em seguida perguntamos como ela descreveria uma comunidade Quilombola. A mesma respondeu “*minha comunidade é muito boa e acolhedora, a gente recebe o pessoal de fora oferece comida típica e o nosso artesanato*. Dando continuidade as entrevistas, fizemos as mesmas perguntas a uma criança de nove anos de idade, aluna do 3ºano da turma vespertina multisseriada. Ao ser perguntada sobre como ela se sentia morando na comunidade quilombola, a mesma nos respondeu que gosta de ser quilombola porque toda sua família também é. “*eu gosto de ser quilombola porque minha avó é, minha mãe é, minhas tias, minhas amigas, então é bom*”. Sobre a comunidade ela ressaltou que é muito boa e ainda fez um convite para quem quiser ir fazer uma visita á comunidade; “*Em primeiro lugar minha comunidade Quilombola é muito boa, minha cultura é muito boa quem quiser visitar pode vir visitar. Ser quilombola pra mim é tudo é uma cultura muito importante, é tudo de bom pra mim é muito bom, eu gosto de ser quilombola*”.

Podemos perceber na fala da aluna que a mesma tem um carinho especial pela comunidade e responde com muita convicção e orgulho sobre sua origem e sobre sua identidade quilombola, seu sentimento de pertencimento é expresso na felicidade ao falar do seu lugar de origem.

Essa reflexão sobre a identidade nos leva ao entendimento que esse é um processo de interação entre o indivíduo com o seu meio, ou seja, é através da interação com os diversos espaços sociais que a construção da identidade de faz “esse processo de conhecimento não se reduz, contudo, apenas a um conjunto de crenças e representações sobre si mesmo e do outro, mas, também, pelo ambiente social no qual estão inseridos que se convergem na produção da

identidade” (CARVALHO, 2012, p.2010). Essa interação entre o sujeito e as instituições sociais proporcionam diversas possibilidades identitárias. Acreditamos, portanto que o ambiente escolar adquire um importante significado nesse processo da construção do “eu”, sendo essa instituição responsável pela produção e a troca de saberes dinâmicos, plurais e contextualizados.

Percebemos a importância dessa interação na fala de outra estudante do 5º ano do ensino fundamental ao afirmar:

Eu sou quilombola porque participo de tudo da comunidade, vou para a escola, e tudo que acontece estou por dentro! Bom, ser quilombola é ser livre, não ter preconceito, participar das atividades da comunidade. Não vou dizer que ela é perfeita, que tem algumas brigas, mas é bom morar aqui não tem muitos carros e nem motos. (Estudante de 11 anos aluna do 5ºano).

A estudante entende que só o fato de participar das atividades da comunidade e a mesma estar em um local calmo sem trânsito a faz ser quilombola, ainda nos diz que ser quilombola é ser livre e não ter preconceito. Essa resposta nos inquieta pelo fato de não entender de que tipo de preconceito e de liberdade ela está falando. Fizemos à mesma pergunta a outra estudante de onze anos que frequenta ao 4º ano do ensino fundamental ela, ao contrário da estudante anterior, respondeu que não é quilombola porque sua mãe não quer e por não participar das atividades da comunidade.

Moro aqui, mais não sou quilombola, não faço parte das coisas daqui. Não sou quilombola porque minha mãe não quer que eu faça artesanato, quilombola faz um bocado de dança, faz cestas, chapéus, sapatos, e minha mãe não deixa eu participar, não quer eu fazendo essas coisas entendeu? É assim, eu gosto muito da comunidade, ela é boa, bonita, mas, queria morar em outro canto, mas aqui é minha comunidade e tenho que morar aqui. Queria morar em Xingó, lá passeio com meu tio. (Estudante de, 11 anos aluna do 4ºano).

Na entrevista com as estudantes percebemos como elas entendem a comunidade como um lugar rico em cultura. Elas informaram que para poder sentir-se da comunidade é necessário não apenas morar, mas, está inserido na cultura, nos costumes, ou seja, se envolver com tudo que a comunidade realiza. Percebemos que ambas descreveram a comunidade com muito amor, gostam do lugar onde moraram. As respostas nos leva a entender que uma criança considera-se quilombola por participar de tudo que a comunidade realiza já a outra não se consideram por não participar de “nada” da comunidade (artesanatos, danças, e outros

costumes) por objeção de sua mãe. Segundo a criança a mãe entende que se ela participar dos costumes da comunidade a criança irá se tornar quilombola. E isso não pode acontecer pelo fato da família ser de pele branca. Pela fala da criança fica evidente que a mãe entender que ser quilombola é motivo vergonha e teme os preconceitos que seus filhos venham a enfrentar na escola e na sociedade. Infelizmente ainda presenciamos esse tipo de pensamento no qual o negro, o quilombola, o indígena e outras etnias encontram-se desvalorizadas, a mercê de uma sociedade preconceituosa que rotula as pessoas pela cor da pele e pelo poder aquisitivo e não pela sua vivência e experiência pessoal.

Em conversa informal com outra estudante ela nos relatou que queria muito participar das atividades culturais da comunidade, porém mais uma vez ela é impedida pelos familiares vejamos; *“queria muito participar das coisas da comunidade, mas a minha mãe não deixa, minhas colegas participa, me sinto só, às vezes, gosto daqui, mas queria morar em outro lugar”*. Talvez por falta de conhecimento sobre o que é ser quilombola, isso faz com que a criança queira morar em outro lugar, por não se sentir pertencente à mesma. Nesse sentido, Gomes (2003), aponta sobre a importância de se trabalhar a temática da diversidade no campo educacional, na formação de professores e em outros espaços escolares e extraescolares.

Lamentavelmente, nem sempre ela é lembrada como uma instituição em que o negro e seu padrão estético são vistos de maneira positiva. O entendimento desse contexto revela que o corpo, como suporte de construção da identidade negra, ainda não tem sido uma temática privilegiada pelo campo educacional, principalmente pelos estudos sobre formação de professores e diversidade étnico-cultural. E que esse campo, também, ao considerar tal diversidade, deverá se abrir para dialogar com outros espaços em que os negros constroem suas identidades (GOMES, 2003, p. 167).

Ainda na visão da autora se faz necessário à articulação entre a escola e a comunidade, ambas devem contextualizar a história do negro, do quilombo, dentre outras questões que levem a conhecer sua história “para realizá-la será preciso entender e considerar a importância da articulação entre cultura, identidade negra e educação. Uma articulação que se dá nos processos educativos escolares e não escolares (GOMES, 2003, p.169)”, levando assim, a descobrir novas dimensões da realidade racial. Esse conhecimento, de acordo com a autora, poderá ajudar no processo de aceitação de sua herança histórica e, assim, colaborar com a construção da identidade negra.

Por meio dessas entrevistas foi possível constatar que a comunidade é rica em cultura, beleza, simplicidade e complexidade. Procuramos identificar por meio das entrevistas e

conversas informais com os alunos da escola da comunidade como eles compreendem o sentido de ser ou não quilombola. Essa riqueza cultural está expressa em suas lutas, seus desejos, suas festas e no conhecimento do local ao qual estão inseridos, conhecimento este que pode ser constatado nos relatos obtidos nas entrevistas.

Percebemos que as representações quilombola não se referem apenas ao passado e sim, ao presente que faz renascer a história através das experiências e da organização social vivida por cada membro da comunidade.

Buscamos compreender como as identidades projetam-se no cotidiano dos moradores da comunidade Serra das Viúvas e na vida educacional dos alunos da Escola Francisco Pereira Leite. São sujeitos que estão entrelaçadas no bojo da dinâmica individual e coletiva, corroborando com a necessidade de aliar a cultura a qual eles pertencem.

Na fala dos entrevistados percebemos que cada aluno se posicionou de maneira individual. Isso mostrou que eles expressam sua identidade de forma singular, ou seja, percebemos que a maioria são moradores da comunidade, mas nem todos se consideram quilombolas. Isso mostrou que a relação com o lugar de moradia não é um fator primordial da expressão identitária, a relação perpassa o sentido em ser e pertencer à mesma.

Através das observações e das entrevistas realizadas na comunidade, percebemos que a comunidade luta constantemente pelos seus ideais, assim como, lutam para a conservação da sua comunidade, da população e de seus conhecimentos. Essa luta se dá sempre no coletivo, ouvimos muito na comunidade a frase “a luta não é minha, a luta é nossa”. Percebemos também que a inserção da escola Municipal Francisco Pereira Leite dentro da comunidade Quilombola não contribuiu de forma significativa para perpetuar esses conhecimentos. Constatamos que a mesma não desenvolve um trabalho efetivo que aborde a identidade do sujeito durante todo o ano letivo, exceto algumas atividades pontuais desenvolvidas pelas professoras na semana do dia da consciência negra. Tais ações ainda são muito insipientes para se trabalhar com as especificidades e a realidade local.

3.1. A luta pelo Reconhecimento e a importância da escola para comunidade Quilombola Serra das Viúvas

O reconhecimento legal dos quilombos no Brasil representou um marco histórico na visibilidade das diferenças étnicas e culturais da sociedade. Atualmente se fala muito em “democracia racial”, em respeito às diferenças, direitos iguais, mas, será que existe mesmo essa democracia? Ou é apenas um mito que tenta maquiagem as marcas deixadas pela escravidão,

causando-lhe graves lesões nas identidades afrodescendentes? Através das vivências durante as pesquisas de campo, as entrevistas, os relatos informais, as fotografias, as oficinas, os encontros e os momentos de celebração e festejos, presenciamos o processo de luta pelo qual as comunidades quilombolas passam em busca do reconhecimento de seus direitos, especificamente a Comunidade Quilombola Serra das Viúvas - Água Branca Alagoas. Identificamos a necessidade de ampliação do debate e das pesquisas uma vez que estes estudos ainda são muito pouco debatido, como é o caso da educação quilombola, educação essa garantida por lei. Ao adentrarmos a comunidade Quilombola Serra das Viúvas e, em conversa com os moradores e estudantes percebemos que os seus direitos nem sempre são efetivados, os desafios são grandes, porém, apesar das dificuldades enfrentadas a cada dia, todos os entrevistados relataram a importância da escola naquele lugar.

Atualmente ainda persiste a luta pelo reconhecimento dos quilombos. Com a comunidade Quilombola Serra das Viúvas não foi diferente, seus moradores lutaram muito pelo reconhecimento legal de seu território. Segundo os moradores a luta perdura, pois, apesar de ser reconhecida a comunidade é bastante carente em saúde, educação e infraestrutura.

Aqui nós precisamos de muitas coisas, a estrada não presta, não temos água, nem um posto de saúde, dizem que temos direito a isenção da taxa de iluminação, mas, nem isso temos... o pior, é que o povo acha que somos ricos só porque somos Quilombolas, mas como vocês podem ver, aqui falta muita coisa (fala Maria Helena de Araújo Ambrósio, 21 anos, moradora do Quilombo).

A fala da moradora remete ao que escreve Silva (2015) sobre os direitos garantido institucionalmente e o que, de fato, são efetivados;

Até parece que ter direitos inscritos e garantidos no texto constitucional seja, o bastante, pois para o aparelho estatal da justiça e seus defensores, estabelecida a norma, o direito já se consumou. Isto não corresponde à verdade, porque a garantia constitucional do direito, elaborada pelo Estado, impõe aos quilombolas e a outros agrupamentos humanos, como os indígenas, uma renhida luta a fim de que, de fato, seja dado cumprimento à norma estatuída. (SILVA, 2015, p.37).

A citação do autor reforça a fala dos moradores da comunidade, pois, eles relatam que tudo que alcançaram foi através de muita luta, e que ainda não conseguiram alcançar muitos de seus direitos, apesar de serem garantidos em Lei. Um dos direitos é a educação que, segundo os moradores, é precária. Atualmente existe uma escola, porém ela não é legalmente

registrada como quilombola. A professora que trabalha mais de quinze anos na escola nos contou que enfrentou muito preconceito quando iniciou na escola da comunidade *“quando eu vim trabalhar aqui, ninguém queria não, porque antes aqui era uma mata (mostrando para o quintal da escola) agora está diferente! Aqui era muito esquisito, não tinha casas era um matagal. Os professores choravam para não vir trabalhar aqui!* (professora Maria José).” Quanto ao currículo a mesma respondeu que não diferencia das outras escolas, *“as capacitações são todas iguais não tem diferenciação. Eu sou quem faço adaptação, trago para a realidade deles”*. De acordo com as Diretrizes Curriculares para a educação Quilombola de 20 de novembro de 2012, determina que: os estudantes independentes de quantidade de alunos que estudem, tem que estudar na própria comunidade. E que essa proposta de educação necessita de tratamentos diferenciados, de mais flexibilidade. A escola deve ofertar um currículo voltado para a necessidade da comunidade quilombola.

Uma proposta de educação quilombola necessita fazer parte da construção de um currículo escolar aberto, flexível e de caráter interdisciplinar, elaborado de modo a articular o conhecimento escolar e os conhecimentos construídos pelas comunidades quilombolas. Isso significa que o próprio projeto político- pedagógico da instituição escolar ou das organizações educacionais deve considerar as especificidades históricas, culturais, sociais, políticas, econômicas e identitárias das comunidades quilombolas, o que implica numa gestão democrática da escola que envolve a participação das comunidades escolares, sociais e quilombolas e suas lideranças. Por sua vez, a permanência deve ser garantida por meio da alimentação escolar e a inserção da realidade quilombola em todo o material didático e de apoio pedagógico produzido em articulação com a comunidade, sistemas de ensino e instituições de Educação Superior. (BRASIL, 2012, p. 26).

Uma moradora que já foi estudante da escola da comunidade, Maria Helena Menezes de Souza, nos relatou que a implantação da escola ajudou a reduzir os altos índices de analfabetismo na comunidade que, segundo ela, era ainda muito alto, principalmente entre as pessoas de mais idades. *“As pessoas mais velhas não tinham condições ou oportunidades de estudar, restando-lhes trabalhar na roça com seus pais. Os moradores mais velhos, 80% são analfabetos, hoje depois da implantação da escola na comunidade esse índice irá reduzir, principalmente com os mais jovens”*. Ao analisar a fala de Maria Helena entendemos o quanto a escola é importante na vida dos moradores, os mesmos veem na escola uma saída para a melhoria de suas vidas. *“vou terminar meus estudos porque ele vai me ajudar a falar melhor, atender os turistas melhor e... fazer tudo melhor, só que tenho que ir para cidade, aqui não tem* (Marlene de Araújo)”. Dona Marlene nos contou que, como ela trabalha com artesanato e

viaja muito para fazer exposição do mesmo, necessita voltar à escola para ajudá-la a se comunicar melhor e, assim, facilitar sua vida no meio social.

Segundo Carril (2017) a escola não deve tratar seus alunos como se fossem iguais, até porque todos nós temos nossas especificidades, assim é a educação quilombola, a mesma não deve ser vista de forma neutra, nem tão pouco tratada com inferioridade, porém, o seu currículo deve estar totalmente voltado para as necessidades e a realidade do estudante quilombola.

A escola não pode mais permanecer atuando perante os seus alunos, ideologicamente, como se todos fossem iguais, reproduzindo um ideal abstrato dos sujeitos, ao mesmo tempo transmitindo uma neutralidade em seus conteúdos curriculares. Um dos avanços nesse sentido ocorre no âmbito das políticas afirmativas, com a aprovação da resolução n. 8, de 20 de novembro de 2012, que definiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica (doravante DCN): (CARRIL, 2017, p. 551).

O autor nos leva a entender que o espaço escolar não é neutro, pois, reflete a sociedade e suas contradições, ou seja, a escola como sendo palco de múltiplos conflitos e desigualdades. Contudo, deve-se priorizar e potencializar as possibilidades existentes no espaço escolar, tendo sempre como objetivo desenvolver mecanismos educativos que vise à identidade e a emancipação do sujeito. A escola deve trabalhar a realidade do aluno e o currículo precisa estar voltado para a vivência do mesmo. Se a escola é quilombola, faz-se necessário trabalhar com os aspectos da comunidade quilombola, seus antepassados, assim como a história do seu povo, suas lutas e conquistas. Carril (2017) afirma que os desafios pela educação quilombola são amplos e antagônicos, ou seja, acontece divergências entre as opiniões;

Os desafios postos para a educação escolar destinada aos estudantes quilombolas são amplos e antagônicos, pois o reconhecimento da especificidade é franco a partir da própria criação das DCN, da atenção que tem sido levada às escolas quilombola se às que não se encontram nesses territórios, mas que buscam atender as crianças das comunidades. Recursos financeiros, material didático específico e o incentivo do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE)¹² revelam avanços. Contudo são muitas as inseguranças presentes na educação quilombola, envolvendo as condições dos estabelecimentos escolares, o uso de recursos didáticos apropriados e a formação docente. (CARRIL 2017, p. 552).

Apesar de existir uma escola na comunidade, isso não significa que, de fato, ela seja quilombola, algumas pessoas até a identifica como tal, porém ela ainda não é registrada e não possui um Projeto Político Pedagógico voltado para a educação quilombola. Segundo (CARRIL, 2017, p.552), para uma escola ser de fato quilombola ela precisa ser registrada e reconhecida “Conforme artigo 1º, inciso IV, da resolução n. 8/2012 do CNE: “As escolas quilombolas são reconhecidas pelos órgãos públicos e se localizam nas comunidades devidamente certificadas pela FCP”. Com base nas leituras podemos afirmar que a escola Francisco Pereira Leite, apesar de estar inserida em terras quilombolas não é uma escola legalmente reconhecida como quilombola.

Durante as entrevistas identificamos que todos os estudantes da escola são moradores da própria comunidade. No relato das professoras da escola percebemos que a escola não utiliza material didático específico, apenas fazem adaptações do material para melhor atender à necessidade dos alunos. Essas situações se justificam pela injustiça social sofrida por parte da população negra em geral, incluindo as comunidades quilombolas que, apesar dos direitos adquiridos, ainda tem muito que conquistar. No tocante a temática da identidade cultural é evidente que ela ainda é pouco discutida, tanto em sala de aula como no meio social ao qual pertencem.

Salientamos que trabalhar a identidade cultural em sala de aula é fundamental para que o aluno possa perceber o contexto cultural no qual está inserido, levado em conta o reconhecimento e a importância dos seus saberes, seus fazeres, suas formas de expressão e suas territorialidades.

Segundo Carvalho (2012) as identidades precisam ser tratadas nos contextos escolares, assim como em diversos espaços sociais, familiares e midiáticos.

No contexto escolar, as identidades devem ser tratadas como sendo realizadas em diversos espaços sociais, midiáticos, familiares e organizacionais, entre outros, onde novos sentidos e narrativas, por vezes contraditórios, podem afetar comportamentos e provocar novas interações sociais. Ao se levar essa discussão para o interior da escola, tornar-se-ão ainda maiores as dificuldades para compreender a sua dinâmica, as suas gradações e as suas oscilações em sujeitos no pleno processo de transformação biopsicossocial. (CARVALHO, 2012, p.211).

Para que ocorra de fato essa valorização não basta apenas que a escola esteja inserida fisicamente no contexto da comunidade, mas sim que ela possa promover ações junto à comunidade que possibilite uma incorporação eficaz do caráter cultural e social em sua prática pedagógica, para que assim, os alunos possam fazer uso dos conhecimentos que foram

adquiridos em seu meio cultural e ampliá-lo para outros contextos. Ressaltamos que a indissociabilidade entre a escola e a comunidade é de suma importância na formação da identidade das crianças e jovens da Comunidade Quilombola Serra das Viúvas.

3.2. Os processos identitários dos alunos da escola Municipal Francisco Pereira Leite

Neste subcapítulo trataremos sobre aspectos específicos sobre os processos identitários vivenciados pelos alunos na escola Municipal Francisco Pereira Leite, no que diz respeito a suas vivências escolar e extraescolar; para isso buscamos entender através das observações e entrevistas o envolvimento dos alunos, da escola e da comunidade na construção da identidade das crianças.

Uma festa que se tornou tradição na comunidade foi o dia da Consciência Negra comemorada no dia 20 de novembro, essa data se tornou significativa para todos os moradores a parti do ano de (2003) quando o Amosiel Feitosa, o jovem idealizador da festa e secretário de juventude, Cultura e turismo da época teve a ideia de comemorar o dia da consciência negra na própria comunidade, porém, segundo uma das coordenadoras da festa (Maria Helena Menezes de Souza) os moradores não aceitaram de imediato, houve resistência, já que os moradores não tinha o hábito de receber visitantes.

A festa começou em 2013 pelo idealizador Amosiel Feitosa, então foi uma sugestão dele, nós não queria porque nós da comunidade não tinha o hábito de receber as pessoas hoje a festa existe pela força da comunidade, pelas pessoas entenderem a importância da consciência negra para nós enquanto quilombola e para nossa alto afirmação (Maria Helena, 23 anos, 2017).

A fala da Maria Helena, nos leve perceber que a festa ocorre desde 2013, com muita luta e resistência, e ainda segundo os moradores a festa só vem crescendo a cada ano. Como dito anteriormente o evento vem ocorrendo a quatro anos consecutivos e a cada ano os moradores buscam inovar, buscando melhorias para sua comunidade e para os visitantes que ali estão. Durante uma conversa com algumas organizadoras da festa foi perguntado qual era a intenção da realização da festa? Obtivemos as seguintes respostas: *“em primeiro lugar a gente visava chamar a atenção da sociedade para o povo negro, para as comunidades quilombolas do Sertão. Também socializar com as outras comunidades as culturas, os costumes. Ensinar e aprender”*. Continuando a entrevista e durante as observações percebemos que os moradores estão bem unidos para a realização da festa, as tomadas de decisões são feitas perante uma reunião com a associação, essa reunião é mais uma conversa,

onde a presidente abre um diálogo com os associados, aí cada uma vai sugerir e colocar sua opinião, aí então elas combinam e tomam as decisões necessárias.

Neste ano de 2017 o evento correu na mesma data das anteriores (20 de novembro) com o auxílio da prefeitura de Água Branca, da Secretaria de Cultura da cidade, e de doações de outros órgãos (secretarias, estudantes, moradores e associações) a comunidade realiza um evento grandioso com palestras, oficinas e apresentações culturais que ocorrem durante todo o dia. A primeira atividade do dia foi às oito horas da manhã com a concentração das cinco comunidades circunvizinhas que se reuniram na praça da Matriz para receber a benção do pároco da cidade José Aparecido da Silva, após a benção seguiram em procissão com suas bandeiras de luta dançando e cantarolando músicas afros com a ajuda do carro de som e da banda da cidade Marrom Metais que abrilhantou ainda mais a passeata.

Figura 12: Passeata das comunidades pelas ruas da cidade de Água Branca, com concentração na Praça da Matriz para a benção do pároco.



Autor: Luciene Gomes dos Santos. Ano: 2017.

Além de reunir a própria comunidade, o evento traz outros remanescentes de comunidades quilombolas, estudantes de escolas municipais, da universidade federal de Alagoas - Campus do Sertão e outras instituições de ensino superior. Além das autoridades locais (Padre, prefeitos, vereadores) contatou-se também a presença de representantes de associações e empresas públicas e privadas que contribuíram para que o evento acontecesse. Nas fotografias (13, 14, 15 e 16) abaixo, podemos observar algumas apresentações realizadas durante o evento.

Figura 13: Apresentações da dança do grupo de São Gonçalo.



Autor: Luciene Gomes dos Santos. Ano: 2017.

Figura 14: Apresentação do Grupo cultural Negra do Sertão –
Abé Axé Egbé - UFAL Sertão.



Autor: Luciene Gomes dos Santos. Ano: 2017.

Figura 15: Apresentação da dança Indígena da aldeia Kalancò.



Autor: Luciene Gomes dos Santos. Ano: 2017.

Figura 16: Apresentação do Grupo de Capoeira.



Autor: Luciene Gomes dos Santos. Ano: 2017.

Para a realização dos eventos ocorrentes, a comunidade sempre se mobiliza e, juntamente com a associação AMAQUI, prepara almoço e lanche cultural para todos os que veem prestigiar a comemoração. As oficinas e palestras são oferecidas por pessoas de fora da comunidade, normalmente com temas voltados para identidade negra e a auto aceitação, geralmente ministradas pelos professores da Universidade Federal de Alagoas - Campus do Sertão que sempre rendem aprendizados e trocas de experiência. O encerramento acontece sempre no fim da tarde com as apresentações culturais de diversos grupos, muita música, dança e comidas típicas na comemoração dos festejos.

No entanto, este ano (2017) a distribuição do almoço, foi um pouco diferente, pois, a comunidade assim como a Associação não tinha uma sede nem um local apropriado para se reunirem, então decidiu vender as quentinhas pelo um valor simbólico para arrecadar fundos para a construção da mesma. Neste ano de (2018) a Associação buscou recursos junto à secretaria Estadual de Cultura, que sensibilizou com a causa e buscou recursos diretamente aos candidatos (governador, deputados estadual e federal). Segundo Maria Helena “*os recursos foi via governo estadual, no entanto, não foi uma pessoa só, foram várias pessoas, ou melhor, candidatos do momento*”. Atualmente a sede encontra-se em processo de construção, como podemos ver nas fotos abaixo.

Figura 17: Alicerce e local da sede da associação AMAQUI.



Autor: Luciene Gomes dos Santos. Ano: 2017.

Figura 18: Construção da sede da associação AMAQUI.



Autor: Luciene Gomes dos Santos. Ano: 2017.

A Comunidade Serra das viúvas tem uma gastronomia rica (buchada de bode, sarapatel, frango caipira ou de capoeira, bolos de vários sabores, tapiocas diversificadas, sucos, dentre outros) os produtos utilizados no preparo das comidas são em sua maioria orgânicos adquiridos na própria comunidade. Durante o evento muitos visitantes sugeriram a construção de um restaurante na comunidade para que não se perca essa tradição gastronômica e para que o potencial também possa ser explorado. Algumas mulheres ficaram

interessadas na ideia porque disseram que a tradição não pode morrer, pois “*São riquezas tradicionais passadas historicamente de pai para filho e que precisam ser valorizadas, recontadas e transmitidas para que não se apague no tempo*”.

A comunidade anseia por dias melhores, assim sendo percebe-se a mobilização dos moradores principalmente através da AMAQUI pra o alcance dos direitos básicos dos cidadãos, direitos simples que a comunidade ainda não tem, como água encanada, saneamento básico, saúde etc. Sendo a primeira a ser reconhecida no município de Água Branca persiste em evidenciar seu potencial, busca também o reconhecimento como parte fundamental na construção sócio histórica da cidade de Água Branca que não é apenas cidade de Barões e Baronesas, mas também de negros, brancos, pardos e índios, de pessoas simples que tentam se estabilizar mediante a desigualdade racial e social. (SOUZA, 2017, p.29).

A citação acima nos mostra o anseio vivido pela comunidade, assim como o desejo e a luta por dias melhores, pois a comunidade é reconhecida, no entanto, muitos dos seus direitos são negados, direitos básicos como saneamento, saúde e educação.

A comemoração do dia da consciência negra já virou tradição na Comunidade Quilombola Serra das Viúvas, pois, esse ano já foi o quarto ano que foi festejado na comunidade, nesse dia acontece o encontro das comunidades quilombolas. Perguntamos a uma das organizadoras do evento - Maria Helena, se não tinha como alternar e fazer a comemoração cada ano em uma determinada Comunidade, a mesma respondeu que não já se reuniram com outras comunidades e colocaram em pauta essa possibilidade, porém, não obtiveram êxito, já que preferem a Serra das Viúvas “*não tem como mudar mais, todos nós sentimos realizados com a festa, é um momento único e sublime*”. A fala da Helena confirma o que presenciamos no período da festa, uma alegria contagiante que envolvia a todos que por ali passasse. A comunidade inteira, da criança ao adulto, estava voltada para a festa, um marco de reafirmação da identidade dos sujeitos.

Durante o evento as professoras trabalham com temática que remete a identidade do sujeito, por exemplo, são apresentadas aos alunos algumas danças afro, como a capoeira o axé, dentre outros, além de uma introdução sobre a dia da consciência negra e seu significado.

Figura 19: Dança de Capoeira “Grupo Muzenza” com a participação das crianças da comunidade.



Autor: Luciene Gomes dos Santos. Ano: 2017.

Figura 20: Grupo Afro Dô 1 - Crianças (estudantes) fazendo apresentação na escola no dia da consciência negra



Autor: Luciene Gomes dos Santos. Ano: 2017.

Estes festejos são de fundamental importância para a afirmação identitária dos moradores da Comunidade Quilombola Serra das Viúvas, assim como para os visitantes que vão prestigiar e compartilhar conhecimentos nessa maravilhosa festa. Todos os moradores e a escola local se envolvem nos preparativos. Tudo e todos estão voltados para a festa. No dia da festa podemos observar em cada rosto a sensação do dever cumprido, pois, a felicidade os define. Em um determinado momento de apresentações das danças, Marlene fala “*eu sou Quilombola, tenho orgulho de ser o que sou, olha que negra mais linda!*”, apontando para as crianças que se apresentavam no momento.

3.3. As Práticas Sociais envolvendo a escola e a comunidade Quilombola da Serra das Viúvas

O texto que segue trata das indagações realizadas sobre as práticas sociais voltadas para a construção da identidade das crianças, a partir das entrevistas e observações realizadas com os professores e seus respectivos alunos, além de outros funcionários que compõem o quadro administrativo da escola Municipal Francisco Pereira Leite em Água Branca Alagoas. Buscamos observar e entender como a escola trabalha a realidade do educando. De início foram selecionadas duas turmas multisseriadas, uma que funciona no horário matutino (pré-escolar, 1º e 2º ano), composta por 14 alunos e outra no horário vespertino (3º, 4º e 5º ano) do Ensino Fundamental, composta por 18 estudantes.

Trabalhamos com as duas turmas, no entanto, com a turma matutina ficamos apenas com as observações para entender como as crianças expressam sua identidade em sala de aula e como a escola lida com a realidade local dos alunos. Já no turno vespertino foram realizadas observação e entrevistas. Foi elaborado um questionário (anexo B) com aproximadamente 08 perguntas sobre sua identidade, sua vivência tanto no meio cultural quanto no âmbito educacional, considerando que nessa faixa etária os alunos já possuem maturidade para responder as perguntas além de possuir uma vivência na escola e na comunidade. Nas (figuras 21 e 22) a professora Maria José está aplicando uma atividade relacionada ao dia da consciência negra e a festa que iria ser realizada no dia 20 de novembro pela comunidade. Na atividade a professora fez alguns questionamentos sobre o dia 20 de novembro e, de acordo com as respostas, ela ia explicando o significado da data.

Figura 21: Pré-escolar 1º e 2º anos realizando atividades sobre o dia 20 de novembro.



Autor: Luciene Gomes dos Santos. Ano: 2017.

Figura 22: Pré-escolar 1º e 2º anos realizando atividades sobre o dia 20 de novembro



Autor: Luciene Gomes dos Santos. Ano: 2017.

Ao final foi realizada uma atividade na qual os alunos iam relatando o significado do dia 20 de novembro trazendo para sua realidade local. Como a turma é multisseriada a professora pediu que os maiores relatassem através da escrita e os menores através de desenhos. Ao término a professora solicitou que os alunos se apresentassem para os colegas. O resultado foi bastante proveitoso, pois os alunos relataram sua vivência com a comunidade e a importância que a festa do dia 20 de novembro tinha para eles. Teve uma criança que falou o seguinte: *“A festa do dia 20 de novembro é importante porque nós fica feliz e aumenta nossa vontade de ser Quilombola, porque sabemos que o povo vem pra cá porque gosta de nós!”*. A fala dessa criança mostra a importância da escola trabalhar com a realidade local, ou seja, a professora lida com a especificidade de cada aluno.

A professora Elaine do turno vespertino trabalhou com os seus alunos a questão da identidade negra, mais especificamente a cultura da dança afro. Todos os dias, durante uma semana que antecedia a festa, a mesma reservava um tempo para conversar e ensaiar com seus

alunos a dança que seria apresentada na festa do dia da consciência negra, conforme (figuras 23- 24) notamos a professora trabalhando com as crianças uma auto avaliação da apresentação, e também perguntas sobre as palestras, as comidas, enfim de tudo que aconteceu durante todo o dia do festejo.

Figura 23: Turma vespertina - alunos 3º, 4º e 5º anos.



Autor: Luciene Gomes dos Santos. Ano: 2017.

Figura 24: Turma vespertina - alunos 3º, 4º e 5º anos.



Autor: Luciene Gomes dos Santos. Ano: 2017.

No final a professora questionou seus alunos se a festa correspondeu suas expectativas e se a mesma contribuiu de alguma forma para a vida de cada um. Os alunos ficaram eufóricos, todos respondendo ao mesmo tempo, a professora pediu para escrever e depois apresentar para os colegas. As respostas foram bastante diversificadas um respondeu que; *“A festa é muita boa, só que é só um dia, não dá pra nada”*. Outra criança respondeu que a festa já é tradição na comunidade, por isso não pode faltar, *“A festa do dia 20 de novembro é muito importante para todos nós da comunidade, porque é na festa que todos se reúnem, que conhecemos outras pessoas, outras comunidades quilombolas vem nos visitar e é muito bom”*. As duas crianças relatam que a festa é de suma importância para eles e todos da comunidade. Através dos relatos entendemos que esses eventos contribuem para reafirmar as identidades das crianças, pois, levam a entender sobre a importância da sua história.

Além da observação e entrevistas com os alunos também foram feitas coletas de dados na instituição escolar, entrevistas semiestruturadas com a diretora, professora e funcionários, a partir de questionários contendo aproximadamente dez perguntas específicas e cinco gerais (ver anexo A).

A primeira entrevistada foi com a diretora da instituição (Angelita Xavier dos Santos) a mesma está lotada na escola núcleo que fica em um povoado circunvizinho denominado de Batuque. Ela comparece à escola da comunidade quilombola apenas quando é solicitada ou precisa resolver algum problema, segundo Angelita a escola é tranquila e não necessita da sua presença com frequência, ela também afirmou que não tem como prestar mais assistência, pois, na escola núcleo a demanda de alunos é maior, necessitando assim de maior apoio pedagógico.

Durante uma conversa com a Diretora procuramos saber sobre o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, a identidade do corpo docente (diretor, coordenador e demais funcionários). Se são moradores ou não da própria comunidade além de procurar entender a relação da comunidade com a escola e da escola com a comunidade. Para tanto se fez necessário observar seu cotidiano, ficamos aproximadamente um mês dentro da comunidade para poder observar como se dava ou não a relação escolar e extra escolar. Além da observação foram aplicados questionários com a comunidade escolar e com os moradores da comunidade quilombola serra das viúvas.

Ao adentrarmos na instituição de ensino, procuramos saber se a mesma possui o projeto político Pedagógico (P.P.P). A resposta que obtivemos foi “não”, pois a mesma não é registrada, portanto o (P.P.P) que é utilizado é o da escola núcleo que fica em outra localidade, perguntamos se podíamos ter acesso ao documento. E a resposta foi que ainda não estava pronto, estava em processo de construção.

Sabemos que o (P.P.P) está relacionado com a organização do trabalho pedagógico. Na verdade, o projeto político pedagógico é visto como um processo contínuo de reflexão, tendo como objetivo sempre o melhor para a escola, ou seja, levar todos os membros da comunidade escolar ao exercício da cidadania.

Faz-se necessário entender que o P.P.P. da escola, irá orientar o trabalho pedagógico do professor, a organização das aulas bem como a organização da escola como um todo, incluindo sua relação com o contexto social. Para a elaboração desse projeto é necessário a participação todos que compõe o corpo escolar, inclusive dos pais dos alunos que frequentam a mesma, só assim, em conjunto poderá de fato acontecer um bom funcionamento escolar. De

acordo com SAVIANI, (1992, p.17) “o ato educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente em cada sujeito singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens”. O autor afirma que o ato de educar é uma ação direta e intencional em cada sujeito e que essa ação deve estar pautada no comprometimento coletivo e na autonomia dos sujeitos social com a escola.

3.4. A Escola Quilombola na visão dos Gestores, diretora e professoras

Para entender o contexto de atuação da escola algumas perguntas centrais feitas aos gestores, no caso a diretora e as professoras, foram: Você é Quilombola? Para você o que é ser Quilombola? O que é uma Comunidade Quilombola? Você faz parte da Comunidade Quilombola? Qual o nome da Escola? Você sabe o significado do nome? Qual a quantidade de alunos da escola? Os alunos são todos da Comunidade Quilombola Serra das Viúvas? Quais são as turmas? E o turno das aulas? Quantos professores? Eles são da comunidade? São Quilombolas? E os demais servidores? Quantos são? São membros da Comunidade? A escola oferece algum projeto que trabalhe a temáticas relacionadas a questão étnica racial? A escola trabalha a partir da realidade dos alunos? Existe uma metodologia diferenciada das demais escolas do município?

Como é para você trabalhar em uma escola Quilombola?

A diretora do núcleo escolar, Angelita Xavier dos Santos, informou que em função da distância só comparece a escola serra das Viúvas uma vez ao mês ou quando é necessário. Com essas indagações acima citadas obtivemos as seguintes respostas;

Não, para mim, ser Quilombola é se identificar como negro, se organizar e lutar por seus direitos, sua identidade. Quanto à comunidade quilombola é uma comunidade predominante de negros que vivem uns ajudando os outros, lutando para serem reconhecidos na sociedade (Angelita Xavier, 48 anos, diretora do núcleo escolar).

Dando continuidade entrevistamos a professora do turno vespertino, uma jovem de 25 anos, que trabalha com a turma multisseriada atendendo crianças entre 9 a 12 anos de idade do 3º, 4º e 5º ano do ensino fundamental. Perguntamos a professora se ela faz parte da Comunidade Quilombola. Ela respondeu “*não, fui convidada para trabalhar nesta escola quilombola. Foi um grande desafio, porém está sendo muito satisfatório*”. Segundo o professor José Bezerra da Silva, “*o professor precisa ser da comunidade, o professor precisa*

conhecer a comunidade, sua formação e o modo de organização. O professor precisa se apropriar da história de vida dos quilombolas". (Discurso dado no "I Encontro de Práticas e Educação Quilombola do Sertão (EPEEQS), organizado pelo Projeto UFAL Mais Verde – campus sertão, no dia 18 de outubro de 2017). A fala da professora mostra que ela não é da comunidade e tão pouco conhece a realidade dos quilombolas, ela conta que apesar de ser gratificante está sendo um desafio trabalhar na comunidade quilombola.

Indagamos o significado do nome da escola a todo o corpo docente e a diretora, e ambas as respostas foram que *"Escola Municipal de Educação Básica Francisco Pereira Leite, foi em homenagem ao um senhor que era morador do Sítio Batuque Núcleo da escola"*.

Em seguida procuramos saber se todos os que frequentavam a escola faziam parte da própria comunidade ou se eram oriundos de comunidades circunvizinhas. Segundo a diretora Angelita Xavier *"São, 14 alunos de manhã e 18 à tarde, totalizando 32 alunos, todos da comunidade, porém, alguns alunos se deslocam para outra escola não multiseriada"*. Quanto ao quadro de professores da escola ela pontuou que são apenas dois e que não são oriundos da comunidade *"porém um bem dizer é, pois mora aqui bem perto no Ouricuri"*. A escola conta ainda com dois assistentes administrativos *"uma assistente é da comunidade outra não"*. Mais uma vez podemos constatar que os profissionais da escola não fazem parte da comunidade quilombola, exceto uma assistente administrativo.

Perguntamos ainda quais são os projetos da escola que trabalham especificamente com as temáticas relacionadas à questão da identidade e étnica racial? A diretora nos respondeu que a escola *"trabalha, "educação do campo" os livros que trabalhamos são voltados para a educação do campo coleção "Girassol"*. Apesar da diretora afirmar que a escola trabalha com a questão da identidade étnica racial, as observações e entrevistas com as professoras da apontam que as mesmas adaptam alguns conteúdos a realidade do aluno, pois, não são fornecidos subsídios para se trabalhar com a temática e ainda que os planejamentos são os mesmos das outras escolas, não havendo um olhar diferenciado para os alunos quilombolas. Isso se dá segundo CARRIL (2017), porque muitas vezes em virtude de suas próprias demandas sociais e territoriais acabam diferenciando os marcos governamentais das estratégias de planejamento e acabam desconsiderando as singularidades nas políticas públicas.

A afirmação dos sujeitos tem se dado em virtude de suas próprias demandas sociais e territoriais, diferenciando-se dos marcos governamentais e das estratégias de planejamento, que muitas vezes desconsideram as singularidades nas políticas públicas. Tais organizações acionam

autonomamente os poderes públicos para o reconhecimento de seus modos de vida e das necessidades para a reprodução dos grupos que constroem, assim, uma narrativa de si, de sua história, da coletividade e da relação com os territórios de vida. (CARRIL, 2017, p. 543).

Sabemos da necessidade que os estudantes quilombolas enfrentam para poder estudar, os meios de sobrevivência estão voltados para o trabalho braçal como plantações de roças, artesanatos e alguns migram para o Sul do País para o corte da cana de açúcar em busca do sustento da família.

Nesse sentido procuramos saber se a escola trabalha com essas especificidades do aluno, para essa finalidade perguntamos a diretora da escola se existe uma metodologia diferenciada das demais escolas do município. Ela coloca que *“Não, ela é igual às demais, porém não deixa de trabalhar a realidade do campo. Apesar das demais comunidades não serem quilombolas, mas do campo”*. A diretora relata que a escola quilombola é igual às demais escola do campo, não sendo necessário fazer uma diferenciação na metodologia nem no currículo escolar. Ao perguntar sobre como trabalhar em uma escola Quilombola a mesma respondeu que *“Para mim é como trabalhar em outra escola sempre respeitando o modo de viver e a cultura de cada um”*. Segundo a diretora não existe diferença entre trabalhar em uma escola quilombola e as demais, o importante é respeitar a maneira de vida de cada um.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola aponta que a prática do professor deve possibilitar o pleno desenvolvimento da formação humana dos alunos e uma articulação entre os conhecimentos científicos, os conhecimentos tradicionais e as práticas socioculturais próprias das comunidades quilombolas, num processo dialógico e emancipatório (BRASIL, 2013). Portanto, a prática de ensino voltado para os quilombolas deve partir dos saberes que eles vivenciam na sua comunidade e em seu entorno, para que assim, essa abordagem passe a ter sentido para eles, refletindo assim a importância da escola para a vida de cada estudante. Na figura (25) abaixo, podemos perceber que a professora trabalhou as vivências dos alunos, nesse quadro observamos várias imagens trazidas pelas crianças sobre como elas se veem enquanto sujeitos da sociedade. Cada aluno colava sua figura e explicava a mesma para turma, dizendo o porquê da figura e qual o significado para sua vida? Nesta apresentação houve diferentes pontos de vista, cada criança levava a imagem que a identificava de algum modo, seja na maneira de se vestir, da cultura, da cor, quantidade de membros da família, dentre outros questionamentos. Uma das imagens que chamou mais atenção foi a de uma aluna que falou na entrevista que sua mãe não a deixava participar das atividades da comunidade para não se tornar quilombola. A criança apresentou a figura de

uma família branca, composta por pai mãe e dois filhos, família está considerada “correta” pelos padrões sociais, sendo uma das exceções da representatividade da identidade quilombola.

Figura 25: Atividade relacionada com a identidade negra.

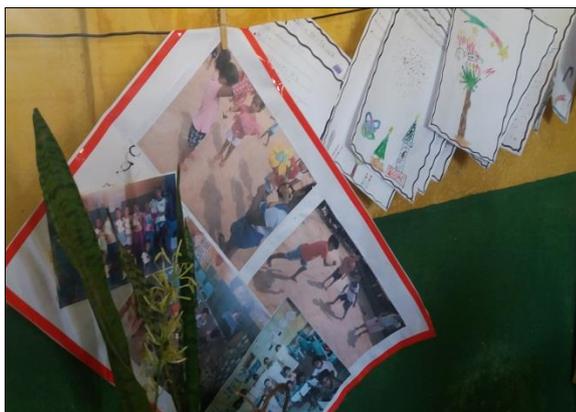


Autor: Luciene Gomes dos Santos. Ano: 2017.

Durante as apresentações observamos as expressões das crianças, elas sentiam-se felizes e realizadas. Cada uma relatava sua realidade, o modo de vida que eles vivem e até mesmo o que gostaria que houvesse na comunidade. Cada apresentação contagiava os colegas da classe que iam debatendo e indagando os colegas. Foi um debate proveitoso, no entanto, deveria ter sido mais aproveitado pela professora, apesar dos temas terem surgido as respostas ficaram um pouco no vazio.

Nas figuras (26-27) observamos alguns trabalhos desenvolvidos na escola Francisco Pereira Leite durante os dias que frequentamos a escola. Na figura (26) a professora trabalhou sobre a identidade quilombola, mais especificamente sobre o que a sua comunidade oferece e quais os costumes da comunidade Serra das Viúvas. Através das imagens trazidas de casa, foi montado um cartaz no qual as professoras junto com os alunos iam apresentando para os demais. Em seguida eles desenharam o que mais gostavam da/na comunidade. A maioria desenhou um ambiente calmo com árvores, com pássaros, nuvens, os artesanatos, as brincadeiras tradicionais como: bola de gude, amarelinha, pião e rouba bandeira.

Figura 26: Trabalhos sobre identidade quilombola.



Autor: Luciene Gomes dos Santos. Ano: 2017.

Figura 27: Trabalhos sobre identidade quilombola.



Autor: Luciene Gomes dos Santos. Ano: 2017.

As professoras relataram que a identidade negra vem sendo trabalhada em sala de aula, uma vez que a escola aborda a valorização da cultura local através da capoeira, das dança afro, dos artesanatos locais, entre outras práticas culturais. Assim, para elas, esse aspecto é importante, pois as crianças acabam participando das manifestações fora do contexto escolar.

A professora ainda ressalta que tenta incorporar em suas práticas na sala de aula aspectos da cultura local, na tentativa de mostrar para os alunos que esse conjunto de práticas fazem parte do cotidiano deles.

Ficou claro o envolvimento das professoras com as atividades presentes na comunidade. Eliane expressou *“é um dia especial para eles, estudantes e pais, pois, temos o envolvimento e participação e incentivo de todos os moradores”*. Além disso, a professora ressaltou a importância que a cultura local tem no contexto escolar.

fico muito feliz ao ver essas crianças participando dessas manifestações, uns estão fazendo a dança, outros estão fazendo a capoeira, outros estão com os seus pais, apresentando e vendendo as comidas típicas e os artesanatos da comunidade, isso é gratificante, ver que o meu trabalho vai além da sala de aula. (Entrevista com a professora Elaine, 2017).

Quando perguntamos se a escola dispõe de materiais didáticos voltados para os quilombolas às professoras responderam que, infelizmente, não existe nada diferenciado, todos os materiais, assim como os planejamentos são iguais para todos, elas que fazem as adaptações.

As docentes afirmam que não dispõe de materiais para desenvolver aulas diferenciadas com os alunos, mas, fazem o possível para que os estudantes possam apresentar um bom desempenho “*quando a gente consegue trazer a vida real do aluno, a cultura a qual eles estão inseridos, o que eles estão vivenciando aqui no momento, eles conseguem aprender muito mais, pois a aula terá sentido para sua vida*” (Entrevista com as professoras, Maria José e Elaine, 2017). As falas das professoras revelam a contribuição da escola Francisco Pereira Leite no contexto cultural da comunidade para a afirmação identitária dos sujeitos.

É pertinente lembrar que em todas as entrevistas, tanto o corpo escolar (diretora, professoras, aluno e apoio) quanto à comunidade em geral, entendem a importância e a contribuição da escola na comunidade. Segundo os moradores muitas coisas mudaram desde sua implantação em 2005. Atualmente, todas as crianças em idade escolar frequentam a escola. Os moradores relatam que a comunidade mudou para melhor, porque agora quando vão tirar matéria prima para a fabricação dos seus artesanatos, seus filhos ficam em boas mãos. Os entrevistados relataram que a escola transmite para os educandos elementos essenciais que os moradores mais velhos desconhecem “*eu não sabia o que era quilombola, minha filha estuda na escola e me falou, ela aprende e me conta quando chega em casa. Hoje eu sei e me orgulho de ser quilombola (morador/a não identificado/a)*”. A moradora reconhece que a escola tem um papel fundamental na formação da identidade das crianças, além de transmitir conhecimento para toda a comunidade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho permitiu fazer reflexões acerca do cotidiano da educação quilombola, trazendo elementos para entender a identidade dos sujeitos. Não consistiu como objetivo de nossa pesquisa proceder um estudo comparativo entre os grupos nem entre as educadoras, mas compreender os elementos trabalhados no ambiente escolar e extraescolar que evidenciam a cultura quilombola.

Partimos do princípio que, para se trabalhar com a educação quilombola, é preciso que o/a professor/a tenha clareza sobre a importância de uma formação sólida que justifique a sua prática e que compreenda que o modo como o/a educador/a planeja sua aula, ou seja, organiza o tempo, os espaços, os materiais e os móveis, assim como a forma como as crianças e adultos ocupam e interagem nesse espaço revela direta ou indiretamente sua concepção pedagógica. Salientamos que é necessário uma mudança no perfil docente historicamente construído, que ainda requisita um o profissional da educação quilombola apenas com formação em pedagogia ou curso normal médio, sem levar em consideração que o professor precisa conhecer as especificidades da comunidade.

Por meio das observações em campo e das entrevistas realizadas com a diretora, as professoras e demais funcionários da instituição de ensino, além dos moradores da comunidade, percebemos claramente que a escola apesar de estar em terras quilombolas não é legalmente reconhecida como quilombola. Trabalhar com educação quilombola pressupõe conhecimentos, atitudes e comportamentos diferenciados por parte dos/as educadores/as, requer, portanto, profissionais preparados do ponto de vista conceitual e metodológico e que o mesmo tenha construído um olhar minucioso para com a educação voltada para os remanescentes de quilombo.

É preciso que as instituições de educação quilombola, assim como seus profissionais atuem de forma consciente, planejada e sistemática, oportunizando aos educandos momentos que possam trabalhar sua identidade e, principalmente, momentos específicos para realizar atividades que visem à valorização, o desenvolvimento e a criatividade da criança quilombola, sempre levando em consideração a multidisciplinaridade e as especificidades de cada comunidade.

Observamos que a escola Francisco Pereira Leite, apesar de não ter uma metodologia específica voltada para a educação quilombola tem papel primordial na formação da identidade negra, visto o trabalho desempenhado pelas professoras e pelos alunos nos eventos

culturais que ocorrem na comunidade, em especial a tradicional festa do dia 20 de novembro. Por fim, consideramos que um currículo voltado para a educação quilombola, ou seja, um planejamento que englobe a necessidade locais, para isso se faz necessário criar situações que privilegiem a conquista da autonomia e a construção da identidade da criança quilombola, perpassadas para além da sala de aula, pela atenção, afetividade, solidariedade e criatividade, trazendo a realidade do aluno para dentro da escola, fazendo com que esse aluno ao adentrar na educação escolar sintasse acolhido e valorizado.

Consideramos que a pesquisa foi de fundamental importância para nossa formação acadêmica e principalmente para nossa formação pessoal, pois, tivemos a oportunidade de conhecer de perto as especificidades de uma comunidade quilombola, mais especificamente no que diz respeito à identidade dos sujeitos. Chegamos à conclusão que a escola poderia ser um elemento catalizador da identidade cultural dos alunos e moradores da comunidade Quilombola Serra das Viúvas – Água Branca Alagoas. No entanto as professoras e alunos da escola Municipal Francisco Pereira Leite não tratam o tema da identidade quilombola em outros contextos, ou seja, o tema é tratado de forma pontual apenas em épocas festivas como a festa do dia vinte de novembro.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96. Brasília: 1996.

_____. Lei nº 12.288 de 20 de Julho de 2010. Institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nos 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. Brasília: Diário Oficial da União, 20 de julho de 2010.

_____. **Constituição Federal**. Congresso Nacional: Brasília, 1988.

_____. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica: diversidade e inclusão /Organizado por Clélia Brandão Alvarenga Craveiro e Simone Medeiros. - Brasília: Conselho Nacional de Educação: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, 2013. 480 p.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Volume I, São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999a.

_____. **O Poder da Identidade**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Volume II, São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999b.

BRAGA, G. E dos Santos; DUARTE, M. Solano. Estudos Culturais, Educação e processos Identitários: Juventude, Gênero, Raça. **Cadernos Ibondeiro** João Pessoa, v. 3, n. 2, 2014.

CARRIL, Lourdes de Fátima Bezerra. Os desafios da educação quilombola no Brasil: O território como contexto e texto. **Revista Brasileira de Educação**, Universidade de São Carlos Sorocaba, SP, Brasil. v. 22, n. 69, p. 539- 564 abr./jun.2017.

CARVALHO, Mauro. A Construção das Identidades no espaço escolar. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.20, n. 1, p.209-227, jan./jun.2012.

CHAGAS, Mirian de Fátima. A política do reconhecimento do “remanescente das comunidades dos Quilombos”. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano7, n. 15, p. 209-235, julho de 2001.

FURTADO, M. Sucupira, R. L.; ALVES, C.B. **Cultura, identidade e subjetividade quilombola: Uma leitura a partir da psicologia Cultural**. Universidade de Brasília, Brasília/2014.

GOMES, Nilma Lino. Educação, Identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 1, p.167-182, jan./jun.2003.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **O que é, afinal, Estudos Culturais?**. Belo Horizonte: Autentica,2006.

LIBÂNEO, José Carlos. **As Teorias pedagógicas modernas revisitadas pelo debate**

contemporâneo na educação. In: LIBÂNEO, J. C (Org.);Capítulo 1 Disponível em: <http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/T1SF/Akiko/03.pdf>. Acesso em: 02/mar/2017.

GIDDENS, A. **A constituição da sociedade.** 2. ed. São Paulo: M. Fontes, 2003.

HALL, S. **A Identidade cultural na pós-modernidade.** 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI. Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia científica.** 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento.** 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico-Crítica:** primeiras aproximações. 3ed. São Paulo: Cortez, 1992.

SEVERINO, A. J. M. **Metodologia do Trabalho Científico.** São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.) **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2013. 133p.

SILVA, JOSÉ Roberto da. **Educação Escolar Quilombola:** Limites e perspectivas. Palmeira dos Índios: FACESTA, 2015. 96p.

SOUZA, Maria Helena Menezes de. **A comunidade quilombola Serra das Viúvas Água Branca – AL e a concordância verbal de terceira pessoa do plural.** Monografia (letras)- Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2017.

ANEXOS

ANEXO A: Roteiro de entrevista

ANEXO B: Questionário aplicado com a turma vespertina do 3º, 4º e 5ºano

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CAMPUS DO SERTÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO NO SEMIÁRIDO

Pesquisa de campo: Comunidade Quilombola Serra das Viúvas

Orientadora: Prof^a Dr^a Ângela Fagna

Aluna: Luciene Gomes dos santos

Etapa 1: VISITA A COMUNIDADE QUILOMBOLA SERRA DAS VIÚVAS

Sujeitos pesquisados: Moradores da Comunidade, Presidente de Associações, organizadores da festa e frequentadores assíduos que façam parte do círculo de relações ou da família dos moradores.

PERGUNTAS GERAIS:

O que é ser “Quilombola”?

Como você descreveria uma Comunidade Quilombola?

Qual é a origem da comunidade Serra das Viúvas?

Quais são os eventos que acontecem na comunidade?

PERGUNTAS ESPECÍFICAS AOS ORGANIZADORES DA FESTA (Do dia 20 e da Padroeira)

Quem foi o idealizador da festa do dia 20 de novembro, comemorada na comunidade Serra das Viúvas?

Como ela nasceu? E em que ano?

Por que ela existe?

Existem outras comunidades Quilombolas envolvidas com essa festa?

Qual a intenção da realização da festa?

Como acontece a organização? Como surgem as ideias e como são tomadas as decisões?

Quais são as atividades realizadas no dia da festa?

Quem participa ativamente?

Quais são os principais desafios?

Quais são as principais modificações ocorridas desde o início da festa?

FESTA DA PADROEIRA SANTA CECÍLIA

Perguntas específicas aos devotos (diferentes faixas etárias)

O porquê da escolha da Padroeira? Como se deu a escolha da mesma?

O que significa esta festa para você?

Como você se sente participando dela?

Como é feita a organização da festa religiosa? Quais são os momentos da festa?

Como você se sente durante todo o período da festa?

Você ajuda nos preparativos da festa?

Qual a parte que você mais gosta da festa?

Qual a intenção da realização da festa?

Como acontece a organização? Como surgem as ideias e como são tomadas as decisões?

Quais são as atividades realizadas no dia da festa?

Quem participa ativamente?

Quais são os principais desafios?

O que observar:

Gestos e emoções expressas durante as conversas/ entrevistas, relacionamento entre os organizadores da festa durante os preparativos e realização da mesma;

Como se dá o relacionamento entre os organizadores que vem de fora e os membros da Comunidade Serra das Viúvas, responsável pelos aspectos religiosos;

Tratamento estético dos ambientes, objetos e oferendas durante os preparativos e ao desenrolar da festa.

Observar todas as etapas de realização da festa: antes, durante e depois.

ETAPA 2: ESCOLA MUNICIPAL FRANCISCO PEREIRA LEITE

Tipos de fontes: professores, alunos, diretores, coordenadores e secretários.

Perguntas gerais:

Você faz parte da Comunidade Quilombola?

Como você descreve a sua Comunidade?

Como você se sente pertencendo a comunidade?

Você sabe o que é Quilombola?

Você é um Quilombola?

COORDENADOR E/OU DIRETOR.

Você faz parte da Comunidade Quilombola?

Qual o nome da Escola?

Você sabe o significado do nome?

Qual a quantidade de alunos da escola?

Os alunos são todos da Comunidade Quilombola Serra das Viúvas?

Quais são as turmas? E o turno das aulas?

Quantos professores? Eles são da comunidade? São Quilombolas?

E os demais servidores? Quantos são? São membros da Comunidade?

A escola oferece algum projeto que trabalhe a temáticas relacionadas a questão étnica racial?

A escola trabalha a partir da realidade dos alunos? Existe uma metodologia diferenciada das demais escolas do município?

Como é para você trabalhar em uma escola Quilombola?

PROFESSORES:

Você é da comunidade? Você é Quilombola?

Como é trabalhar nesta escola? Tem algum diferencial?

Você sabe o que é uma escola quilombola?

Existe um momento de preparação e planejamento dos conteúdos que serão trabalhados com os alunos?

Você trabalha alguma temática específica voltada para a realidade dos alunos da comunidade? A escola oferece as condições pedagógicas necessárias para isso?

Existe alguma atividade específica sobre a identidade Quilombola na escola?

Como é o envolvimento dos alunos?

Como é o envolvimento dos pais?

Quais são os principais desafios?

Quais são as principais modificações ocorridas na Escola desde o início?

Observar:

Observar o ambiente escolar se há um envolvimento por parte dos profissionais da educação durante os preparativos e a realização das festividades. E de que maneira ocorre esse envolvimento.

Observar se durante a comemoração do dia da consciência negra a escola trabalha com seus alunos a importância e o significado desse dia. E de que forma isso acontece.

Se são utilizados objetos confeccionados pela Associação AMAQUI na ornamentação e realização das festas.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CAMPUS DO SERTÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO NO SEMIÁRIDO

Questionário aplicado com os Alunos do 3º,4º e 5º ano

1. Você faz parte da Comunidade Quilombola?
2. Como você descreve a sua Comunidade?
3. Como você se sente pertencendo a comunidade?
4. Você sabe o que é Quilombola?
5. Você é um Quilombola?